

**"A CHICALA NÃO É UM
BAIRRO PEQUENO"**

**"CHICALA IS NOT A SMALL
NEIGHBOURHOOD"**

PAULO MOREIRA (ed.)

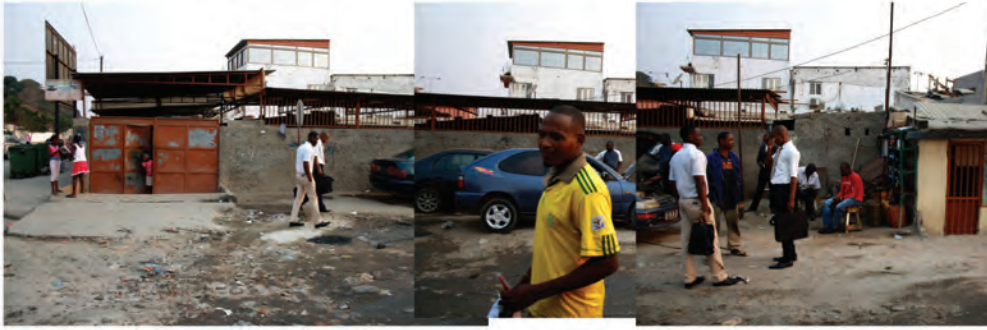
E-BOOK

**“A CHICALA NÃO É UM
BAIRRO PEQUENO”**

**“CHICALA IS NOT A SMALL
NEIGHBOURHOOD”**

PAULO MOREIRA (ed.)

E-BOOK













*to my supervisors,
for their tolerance
of my little interactions*

ÍNDICE

"A Chicala não é um bairro pequeno"	14
--	----

PAULO MOREIRA

CONTEXTO

Luanda não precisa de apresentação	18
---	----

LUCA BONIFACIO

A Tríade "Chicala"	21
---------------------------------	----

ÂNGELA MINGAS

Chicala City	29
---------------------------	----

RICARDO CARDOSO

Pelas vielas de Luanda com o Kota Cinquenta	37
--	----

STEFANIE ALISCH

Monitoria participativa da pobreza urbana	44
--	----

ALLAN CAIN

WORKSHOP

O papel social do arquiteto	54
--	----

PAULO MOREIRA ENTREVISTADO POR VÂNIA VILELA

Alvos de melhoria	63
--------------------------------	----

CLAUDIA GASTROW

Opiniões e postura perante Realidades	72
--	----

ISABEL MARTINS

EXPOSIÇÃO

O musseque visto por dentro	78
--	----

PAULO MOREIRA ENTREVISTADO POR ANA PAULA GOMES

O musseque angolano nas paredes da galeria	86
---	----

LUÍS OCTÁVIO COSTA

"Angola é Nossa"	88
-------------------------------	----

NUNO COELHO

Biografias	96
-------------------------	----

Participantes	98
----------------------------	----

Agradecimentos	99
-----------------------------	----

CONTENTS

"Chicala is not a small neighbourhood".....	15
PAULO MOREIRA	

CONTEXT

Luanda needs no introduction.....	19
LUCA BONIFACIO	
The "Chicala" Triad.....	25
ÂNGELA MINGAS	
Chicala City.....	33
RICARDO CARDOSO	
Through the alleyways of Luanda with <i>Kota Cinquenta</i>.....	41
STEFANIE ALISCH	
Participatory monitorization of urban poverty.....	48
ALLAN CAIN	

WORKSHOP

The social role of architects.....	58
PAULO MOREIRA INTERVIEWED BY VÂNIA VILELA	
Objects of improvement.....	69
CLAUDIA GASTROW	
Opinions and attitude towards Realities.....	74
ISABEL MARTINS	

DISPLAY

The musseque seen from inside.....	82
PAULO MOREIRA INTERVIEWED BY ANA PAULA GOMES	
The Angolan musseque on a gallery's walls.....	87
LUÍS OCTÁVIO COSTA	
"Angola é Nossa".....	92
NUNO COELHO	
Biographies.....	97
Participants.....	98
Aknowledgments.....	99

“A Chicala não é um bairro pequeno”

PAULO MOREIRA

Este livro não é simplesmente um relatório do “Workshop de Arquitectura Social: Chicala 2011” (Luanda, Agosto de 2011), nem um catálogo das exposições “Angola não é um país pequeno” (Porto, Dezembro 2011 a Janeiro 2012) e “Angola is not a small Kingdom” (Londres, Abril 2012). Mas é, na verdade, um pouco de ambos. Está enquadrado numa investigação em curso na Faculty of Architecture and Spatial Design (London Metropolitan University), cujo lema do programa de Doutoramento é melhorar a vida de seres humanos através da arquitetura, topografia urbana e suas práticas.

“A Chicala não é um bairro pequeno” apresenta uma perspetiva da capital de Angola muitas vezes ignorada pelos relatos sobre a atual trajetória neo-liberal do país. Graças a uma extensiva compilação de contribuições de especialistas, profissionais e investigadores emergentes e consagrados, de diversas áreas, este livro mergulha num contexto urbano particular, de baixo para cima, mostrando Luanda como uma cidade bem mais complexa do que simplesmente uma topografia capitalista e consumista rodeada por metabolismos de sobrevivência desesperados.

A primeira parte do livro apresenta o sítio e a cidade. A sua história, a sua estrutura, os seus problemas e insuficiências são apresentados como parte de uma estratégia para melhor pensar a urbanidade. A segunda parte foca-se no Workshop de Arquitectura Social, um curto e intenso estudo envolvendo uma rede de autoridades locais, residentes, agentes urbanos e investigadores em Luanda. Ao longo do Workshop, a combinação entre a abordagem à Chicala como uma topografia viva, juntamente com a solidariedade que prontamente alcançou por parte de instituições externas, pareceu gerar uma simbiose entre a Chicala e Luanda. A terceira parte centra-se em questões relacionadas com a mostra do material do workshop numa galeria no Porto, Portugal. Situa-se o estudo num contexto mais alargado, integrando projeto e história arquitetónicos, bem como algumas sensibilidades pós-coloniais.

Espera-se que o livro contribua para uma re-avaliação gradual do caráter dos musseques. Há uma verdadeira solidariedade na concretude das suas estruturas sociais e espaciais. Este é um tipo de cidade construído na sombra da conjuntura económica e da especulação imobiliária – mas funciona na mesma e deveria ser aceite. Aprender com lugares como a Chicala levanta a questão: para que serve a cidade?

“Chicala is not a small neighbourhood”

PAULO MOREIRA

This book is neither simply a report of the “Chicala 2011: Workshop for Social Architecture” (Luanda, August 2011), nor is it just a catalogue of the “Angola is not a small country” (Porto, December 2011 to January 2012) and “Angola is not small Kingdom” (London, April 2012) exhibitions. But it is, in fact, a bit of both. It may be encompassed within the broader scope of ongoing research at the Faculty of Architecture and Spatial Design (London Metropolitan University) where the PhD program’s adage is to illuminate the life of human beings through architecture, urban topography and their practices.

“Chicala is not a small neighbourhood” presents a perspective of Angola’s capital often ignored in accounts of the country’s current Neo-liberal trajectory. Thanks to a comprehensive compilation of contributions by emerging and established experts, practitioners and researchers from different fields, this book delves into a particular urban context, from the bottom-up, showing Luanda as far more complex a city than a straightforward capitalist topography of consumption surrounded by desperate metabolisms of survival.

The first part of the book presents the site and the city. Its history, its structure, its problems and insufficiencies are presented as integral to a strategy for better thinking on urbanity. The second part then focuses on the Workshop for Social Architecture, a short and intense study involving a network of local authorities, residents, urban agents and scholars in Luanda. During this workshop, the combination of an approach to Chicala as a living topography together with the solidarity it readily drew from external institutions, seemed to generate aspects of symbiosis between Chicala and Luanda. The third and final part deals with issues relating to a display of the workshop’s material held in Porto, Portugal. It situates the study within a broader context, integrating architectural design and history as well as some post-colonial sensitivities.

My hope is that this book might contribute to a gradual re-evaluation of the musseques’ actual character. There is true solidarity within the very concreteness of its social and spatial structures. This is a form of town built disparately from any economic framework or the real-estate industry – but it works all the same and it should be accepted. Learning from places like Chicala raises the question: what is a city for?



CONTEXT CONTEXT



Luanda não precisa de apresentação

LUCA BONIFACIO

Quem tiver interesse em entender algumas das crises que afligem a cidade de Luanda, apreciará certamente até que ponto a cidade afigura os paradoxos e paradigmas da urbanização contemporânea. As rápidas e irresistíveis transformações do pós-guerra, impelidas por interesses económicos petrolíferos e uma persistente oligarquia militar, representam uma importante afronta às teorias neo-liberais contemporâneas que defendem que o desenvolvimento será uma simples função do fluxo de capital.

Em toda a verdade, esse mesmo capital, para além de não oferecer soluções para os problemas vividos pelos habitantes, está a tornar-se a principal ameaça à sua sobrevivência. Encontra-se já em marcha um plano explícito e determinado que visa expurgar da imagem da cidade qualquer sugestão de pobreza, subdesenvolvimento ou desigualdade social. Não pela inaceitabilidade da pobreza numa democracia moderna, mas simplesmente porque a pobreza cheira, soa e parece mal. Os gigantes subúrbios informais de Luanda não representam mais do que empecilhos desagradáveis aos interesses do negócio imobiliário, em nome dos quais deverão ser cirurgicamente removidos, apagados, escondidos de vista. São válidos todos os meios pelos que se atinjam estes fins.

Deslocamentos forçados, demolições, requisições; todos os meios são válidos. Mas sob a face brutal do capitalismo africano contemporâneo, esconde-se uma outra dimensão, detentora de um potencial extraordinário.

Com um colossal património natural e histórico, e uma sociedade vivaz e ativa, Angola terá os fundamentos de um país capaz de se impor na região. O turismo, a agricultura e o desenvolvimento industrial deverão ser os pilares dum modelo alternativo de crescimento, mais sensível às necessidades duma sociedade rica e diversa. Mas para que algum destes modelos crie raiz será necessária – mais do que a mudança política – uma transformação cultural no sentido duma crescente humanização de ideias e prioridades.

Testemunhe-se o trabalho incansável de alguns heróis discretos tais como Isabel Martins, Ângela Mingas e Allan Cain, que se batem por estes objetivos. O projecto corajoso do Paulo Moreira terá certamente o seu lugar entre esta emergente contracorrente e os admiráveis resultados desse trabalho estão à vista de todos.

Luanda needs no introduction

LUCA BONIFACIO

Anyone willing to read about Luanda's crisis will appreciate the extent to which this city painfully exemplifies the paradoxes and paradigms of modern urbanization. Its rapid, irresistible, post-war transformations, driven by oil-related economic interests and persistent military oligarchies, are a slap in the face to the current neoliberal theories proposing that development is simply a function of capital flow.

In actual fact, over and above not providing solutions to inhabitants living problems, capital is actually becoming the main threat to their survival. An explicit and determined plan is currently underway, aiming to wipe the city's image clean of any suggestions of poverty, underdevelopment or social disadvantage. And not because poverty might be considered unacceptable in a modern democracy but simply because it doesn't look, smell or sound good. Massive informal suburbs are nothing more than an unpleasant obstacle to the real-estate business, to which end poverty should surgically removed, erased, hidden away. Forced displacements, demolitions, requisitions; any means are valid. But beneath this brutal face of contemporary African capitalism, lies an entire dimension of remarkable potential.

Angola's colossal natural and historical heritage and live and kicking society should be the foundations of a country capable of imposing itself on the region. Tourism, agriculture and industrial development ought to be pillars of an alternative model of growth far more sensitive to the needs of its wide ranging society. More than political change, a cultural shift towards the re-humanization of ideas and priorities is required in order for any of these models to take hold.

We may witness, striving towards these goals, the tireless work of unsung heroes such as Isabel Martins, Ângela Mingas and Allan Cain. Paulo Moreira's brave work has its place within this nascent counter-current and its remarkable results are here for all to see.

A Tríade “Chicala”

ÂNGELA MINGAS

O presente documento resulta de experiências acumuladas enquanto docente e investigadora coordenadora do Projecto de Pesquisa sobre o Centro Histórico de Luanda. Pretende ser uma base teórica com o objectivo de promover crítica, reflexão e debate sobre os bairros Chicala I, II e III.

1. Introdução

Chicala (corruptela portuguesa da palavra *Kikala*) na sua designação originária referia-se ao núcleo sobrevivente das Sanzalas localizadas a sul da restinga “Ilha do Cabo”.

Este núcleo (voltado para a Baía da Samba) manteve-se restrito à hoje designada “Chicala I”, bairro localizado na Comuna da Ilha do Cabo até ao último quartel do século XX quando começou a sua expansão para os hoje designados bairros “Chicala II” na década de 80 e Chicala III” na década de 90, localizados na margem continental, na Comuna da Kinanga.

2. Características

Tipologia Urbana. Esta Tríade, Chicala, é morfologicamente um Musseque.¹ Embora esta entidade urbana esteja originalmente ligada à periferia urbana é no caso presente interna à malha consolidada da cidade. Este fenómeno do musseque entranhado na cidade é um caso particular da

implosão urbana e directamente associado à explosão demográfica consequência da guerra civil que teve a sua expressão mais descontrolada no período entre 1992 e 2002. A implosão urbana transformou o vazio da cidade (zonas de lazer, zonas de risco, zonas verdes) em solo urbano edificável, principalmente pelo mercado informal provocando a sua degradação. As características do assentamento são do tipo “desordenado” dentro dos parâmetros urbanísticos formais. No entanto, a sua organização obedece a princípios de organização socioculturais que estrutura núcleos monofamiliares de expansão concêntrica.

População. O reflexo mais expressivo desta realidade está na população. Enquanto no núcleo Chicala I a população ainda é maioritariamente de origem Axilwanda, já nos bairros Chicala II e III, a população tem diversas origens, tanto nacionais como internacionais. Ainda sobre a população, o Bairro Chicala II começou por ser uma expansão da população da Chicala I, cuja relação com a “cidade” era o transporte aquático na área lagunar (existente até aos dias de hoje), transformando-se rapidamente em minoria.

Cultura. Os hábitos e costumes são marcadamente distintos,

acentuando-se essa diferença no período do *Kakulo* que ocorre em Novembro e que juntam em rituais centenários dedicados à *Kyanda*² as povoações do *Musulo*, *Lwanda* e *Kakwako*.³ As práticas económicas são também bastante distintas entre o bairro originário e os territórios de expansão. Enquanto o primeiro está fundamentalmente ligado à pesca, os restantes têm no comércio e serviços básicos a sua principal fonte de produção de riqueza. Infelizmente, alguns redutos de venda de droga estão também associados, principalmente ao bairro Chicala I, uma introdução maléfica actual, não predominante.

3. Funcionamento

Com um regime de edificabilidade claramente habitacional, a Triáde Chicala tem uma dimensão aproximada de 1km² (Chicala I: 305.115m², Chicala II: 412.275m², Chicala III: 323.800m²) e uma população estimada entre 40.000 a 50.000.

Habitação. Representa a maioria do edificado. As tipologias comuns integram áreas de trabalho e o comércio é uma actividade exercida no espaço público com ligação directa ao espaço colectivo habitacional. O módulo habitacional básico comporta cerca de 5 indivíduos e está a ele afecto uma área total entre 50 até 75 m².

Equipamento. Predominantemente de proximidade e na sua maioria privado.

Sistema Viário. Embora o traçado seja informal, ele poderá ser caracterizado como de escala terciária. Com o único objectivo de permitir acessibilidade às habitações.

Estrutura Verde. Inexistente. A excepção são algumas árvores em alguns logradouros comunitários. Segundo os estudos de 2007, a densidade construtiva nos bairros da Chicala atinge a preocupante faixa de estar acima de 80% sendo a restante percentagem destinada aos arruamentos.

Logo, a permeabilidade dos solos é muito baixa o que em relação proporcional inversa representa o colapso ambiental do local.

4. Relação com Envolvente

O conjunto dos bairros “Chicala” tem uma relação particular com a sua envolvente. As suas fronteiras naturais, Baía da Samba, Oceano Atlântico e Morro de São Miguel e as suas ligações urbanas directas (Bairro da Praia do Bispo e Cidade Alta) e o facto de este ser um núcleo fundamentalmente habitacional, fazem deste musseque uma bolsa alheia ao demais contexto da paisagem do espaço provocando uma relação centrípeta e ensimesmada entre as três chicalas e com expressão débil para além das outras fronteiras.

Essa condição de isolamento aliada à sua impossibilidade de expansão comporta consequências diversas. Por um lado a densificação permanente do lugar. O espaço privado habitacional exerce uma pressão permanente sobre o já exíguo espaço público, baixando dramaticamente factores chave de urbanidade como a mobilidade/ acessibilidade, oxigenação, saneamento público, entre outros. Por outro lado, o refinamento e identidade cada vez mais forte entre a comunidade, fenómeno muito parecido ao que acontece com populações insulares.

5. Perspectivas de Futuro

Dois factores são fundamentais para reflexão; Degradação e Risco. O primeiro provocará a gentrificação (uma infeliz dominante na forma de pensar urbanidade na cidade de Luanda) o segundo a adaptação (considerando a área ser uma zona de risco que naturalmente está condenada pelas alterações climáticas que irão provocar a subida do nível das águas).

Como agir para encontrar uma solução? Creio estarmos perante um dilema real que obrigará a que qualquer intervenção no local racionalize em igualdade de circunstâncias quatro factores básicos do desenvolvimento urbano sustentável:

Cultural: A preservação da identidade cultural da população originária do bairro “Chicala I”

Ambiental: A acção construtiva está anulando a entidade lagunar “Baía da Samba”

Social: Qualidade de vida através de um uso de solos equilibrado.

Económica: valorização do terreno urbano através de acções de melhoria infra-estrutural.

¹ *Musseques. Do Kimbundo; Museke.* Nome dado à areia vermelha característica de Luanda. A designação passou a ser referência dos bairros periféricos da cidade por não terem as ruas calçadas e os pavimentos das casas serem de terra batida. Surge em 1864 com o primeiro acto conhecido de gentrificação na história das cidades em Angola.

² *Kyanda (sing.), Yanda (pl.)* Kimbundo. Designação atribuída aos espíritos das águas.

³ As designações em língua kimbundo referem-se às povoações da “Ilha” do Mussulo, “Ilha” do Cabo e Baía de Cacuaco.

The “Chicala” Triad

ÂNGELA MINGAS

This document comes about as a result of experience accumulated as a teacher and coordinating investigator of the Luanda Historical Centre Research Project. It's hoped that it might serve as a theoretical basis, encouraging critique, debate and reflection regarding Chicala Neighbourhoods I, II and III.

1. Introduction

In its original acceptation, Chicala (a Portuguese corruption of the word *Kikala*) was the name given to a surviving nucleus of townships located south of Cabo Island.

This nucleus (facing the Bay of Samba) remained confined to what is currently known as “Chicala I”, a neighbourhood located within the Cabo Island Commune up to the last quarter of the 20th Century when it began its expansion into what are today known as the neighbourhoods of “Chicala II” and “Chicala III” – throughout the 1980s and 1990s, respectively – located on the continental margin within the Kinanga commune.

2. Characteristics

Urban typology. The Chicala Triad is, morphologically speaking, a *Musseque*.¹ Although this type of urban entity typically associated with city outskirts, the case at hand lies in the midst of the city's consolidated

pattern. This phenomena, of a *Musseque* entangled amidst a city, represents a distinct case of urban implosion, directly related to the demographic explosion brought about by the civil war, at its most intense from 1992 to 2002. This urban implosion transformed the city's voids (leisure zones, risk zones, green zones) into urban development ground, in a manner that was mostly informal and greatly contributed to the degradation of these areas; In terms of formal urban parameters, the settlements may be characterized as disorderly. Nevertheless, their layouts follow socio-cultural organizational principles, based on the concentric growth of single family nuclei.

Population. The clearest expression of the reality at hand lies in the population itself. Whilst the population of the Chicala I nucleous is still of mostly Axilwanda origin, Chicala II and III have populations of diverse origins, both national and international. Population-wise, Chicala II started out as an expansion of Chicala I, as it connected with the “city” through lagoon-based aquatic means of transportation, although those initial settlers soon became a minority.

Culture. Customs and habits are markedly distinct, with differences becoming most apparent during the *Kakulo* period in November, when century-old rituals celebrating *Kyanda*² bring together those fractions of the population hailing from *Musulo, Lwanda* and *Kakwako*.³ The original neighbourhood is also distinct from its expansions in terms of economic activity. Whilst the first is typically associated with fishing, in the newer areas trade and basic services are the main sources of wealth production. Unfortunately, several points of drug sale have also sprung up, mostly in Chicala I, although this more recent and malefic activity has not yet become predominant.

3. Function

The Chicala Triad, with its distinctly residential building regime, is approximately 1km² in size (Chicala I: 305.115m², Chicala II: 412.275m², Chicala III: 323.800m²) and holds a population estimated at between 40.000 and 50.000.

Housing. Represents most of the existent edification. Common typologies integrate work areas; with commercial activities taking place in a public space directly connected to a residential collective space. The basic residential module is composed of around 5 individuals and occupies a total area of between 50 and 75m².

Equipment. Predominantly proximal and mostly private.

Road Layout. Although the layout is informal, it might be characterized as tertiary, with habitation accessibility as its only objective.

Green areas. Inexistent. The exceptions being the few trees remaining in some community backyards.

According to studies produced in 2007, building density in Chicala neighbourhoods is worryingly above 80%, with the remnant percentage taken up by roads. Soil permeability is, therefore, very low, and inversely proportional to factors predisposing the area to environmental collapse.

4. Relation to surroundings

The cluster of Chicala neighbourhoods has a distinct relation with its surroundings. Its natural borders – the Samba Bay, the Atlantic Ocean and Mount São Miguel –, its direct urban connections (the Praia do Bispo neighbourhood and Cidade Alta) and the fact that it's a fundamentally residential nucleus, set it apart from the surrounding landscape's context, encouraging a centripetal and self-absorbed relation between the 3 Chicalas with little expression beyond these borders.

This isolated condition, coupled with the impossibility of expansion, brings about a number of consequences. On the one hand, continuous densification; Private residential areas exert a continuous pressure on an increasingly scarce public lot, dramatically undermining key factors of urbanity such as mobility/ accessibility, air quality and public sanitation, among others. On the other hand, we find an increasingly strong and refined identity within the community, a phenomenon similar to that observed amongst insular populations.

5. Future Perspectives

Two factors are deserving fundamental reflection; Degradation and Risk. The former shall lead to gentrification (which is unfortunately dominant in approaches to urbanity in Luanda), the latter, adaptation (considering the area's risk of exposure to any rises in sea level brought about by climate change).

How to move toward finding a solution? I believe we are facing a real dilemma, requiring that any intervention in the area take into account, in equal measure, four basic factors of sustainable urban development:

Cultural: A preservation of the cultural identity of Chicala l's original population.

Environmental: Construction activities are extinguishing the lagoonal entity "Bay of Samba"

Social: Quality of life through a sensible use of soil.

Economic: appreciation of urban land through measures for infrastructural improvement.

¹ *Mussequê*. From the Kimbundo word "*Museke*." Name given to Luanda's characteristic red sand. This was the name later given to the city's peripheral neighbourhoods due to their unpaved roads and dirt floor houses. It arises in 1864, with the earliest known act of gentrification in the history of Angola's cities.

² *Kyanda* (sing.), *Yanda* (pl.) Kimbundo name given to the spirit of the water.

³ These are Kimbundo names for populations from the "Isle" of Mussulo, the "Isle" of Cabo and the Bay of Cacuaco, respectively.

Chicala City¹

RICARDO CARDOSO

Da cidade de Zirma, os viajantes retornam com memórias bastante diferentes.²

Italo Calvino, “As Cidades Invisíveis”

Muitos que pela Chicala passam, regressam com memórias indistintas. Da Fortaleza, o bairro reluz panorâmico sobre o mar que conquistou. A caminho da Ilha, um fugidio de lama e chapas de zinco. A Chicala não é a cidade. A Chicala é mais um musseque. A Chicala é redundante, *repete-se para fixar alguma memória na mente.*

A minha memória de Luanda está cheia de Chicala. De manhãs madrugadoras e de noz de cola. De histórias destes e de outros mundos. De Shangai, de São Paulo e de Kinshasa. De boémia e de ócio. De cacusso grelhado com feijão e banana. De noites e memórias caminhadas. De preces pentecostais e cânticos dominicais. De patas de caranguejo chupadas ao som do Namíbe. De cerveja. De trabalho. De lingala, de francês e de mandarim. De lânguidos fins-de-semana despertados a caldo de peixe. De jinguba e de vacas que riem. A minha memória é redundante, *repete os símbolos para que a cidade comece a existir.*

Situada bem perto do epicentro simbólico da cidade de Luanda, a Chicala surge marginal na cartografia axiomática que serve de apoio aos modelos dominantes de análise e intervenção urbana. Como tantos bairros da capital angolana (e inúmeros outros espalhados por todo um continente), o seu lugar no mundo tende a ser descrito aquém da modernidade. A Chicala é desordenada. A Chicala está sobrepovoada. A Chicala não cumpre os ambiciosos desígnios da nova cidade que está a nascer.

São múltiplas e diversificadas as consequências desta disposição discursiva. Na sua vertente mais convencional, os pacotes de políticas modernizadoras para a resolução da crise que a Chicala e tantos outros territórios alegadamente prefiguram tendem a situar-se ao longo de um contínuo que une planos de alcance global a intervenções de carácter local. Se de um lado se pretende que Luanda reforce a sua posição na hierarquia político-económica que organiza as cidades do mundo contemporâneo, do outro prescreve-se a requalificação inovadora dos lugares, a descentralização da tomada de decisão e o desenvolvimento das comunidades.

Mas se os trajectos são potencialmente distintos, a cartografia doutrinal em que se apoiam é inequivocamente semelhante. Se as soluções para os territórios em crise poderão apresentar configurações normativas mais ou menos divergentes, os esforços de diagnóstico que as subjazem tendem a convergir na forma como os caracterizam a partir da sua incompletude e insuficiência. A Chicala aparece assim arredada da grelha de interligações e experiências que constitui o mundo moderno. De uma forma ou de outra ter-se-á que agir para que se torne cidade.

Sem com isto pretender sobrepor abordagens substancialmente distintas ou minorar a importância de se tomarem contundentes medidas de resposta às condições desoladoras em que vive a grande maioria dos luandenses, esta convergência ao nível da análise parece-me estar radicada num apreciável movimento de circunscrição da nossa capacidade imaginativa; em particular, no que diz respeito à apreciação da experiência urbana. Tendo por base configurações teóricas convencionais, pouco nos é permitido conhecer sobre a Chicala ou os múltiplos outros espaços que supostamente se lhe assemelham. Urge por isso encetar um modo alternativo de os examinar. Ao contrário do que foi até aqui exposto, este dever-se-á basear numa cartografia teórica que seja capaz de proporcionar condições epistemológicas adequadas à apreciação da inebriante

condição urbana desses espaços e à consideração dos contornos específicos da sua relação com o mundo.

Na linha do que tem vindo a ser argumentado por vários autores com especial interesse no estudo das cidades africanas contemporâneas, tal empreendimento analítico terá necessariamente que privilegiar noções de imprevisibilidade, circulação e experimentação ao examinar a especificidade das práticas globalizantes que inevitavelmente constituem a experiência quotidiana em territórios como a Chicala. Não para assim proceder à simples proclamação de uma configuração particular ou localizada de modernidade (e com isso contribuir para a proliferação teórica de urbanismos), mas tendo como força motriz a reconfiguração geográfica dos referentes simbólicos dos conceitos interligados de urbanidade e globalização.

Pese embora a vasta maioria da sociedade luandense esteja essencialmente despojada de capacidades e poderes que lhe permita reivindicar autonomia ou exercer controle sobre funções económicas globais, a cidade e os seus vários bairros são pelos seus membros quotidianamente empregues como recursos fundamentais para agir ao nível do mundo. Apesar das acutilantes disfunções urbanas que a caracterizam e das enormes adversidades que diariamente

perturbam a vida dos que dela dependem, por toda a capital angolana se interpelam territórios distantes e articulam processos de alcance global. Nas movediças areias da Chicala enraizam-se circuitos de migração, disseminam-se convicções e transaccionam-se mercadorias. As práticas globalizantes de carácter económico, simbólico ou afectivo que materializam estas circulações no dia-a-dia do bairro moldam-no como um espaço de experimentação e transformação cujos termos de acção não estão predeterminados. A Chicala caracteriza-se, também, pelo repertório dinâmico de saberes, competências e sensibilidades modernas que transacciona permanentemente.

Importa por isso analisá-la e compreendê-la como tal, incorporando-a nos parâmetros do urbanismo luandense contemporâneo e inscrevendo-a no imaginário teórico do mundo moderno. Porque a Chicala não é um bairro pequeno. A Chicala é *Chicala City*.

¹ Este texto apresenta-se como uma reflexão que utiliza a minha experiência e memória da Chicala para articular questões teóricas sobre urbanismo africano. Algumas destas questões foram por mim abordadas num ensaio intitulado “Pela cidade que já o é: as (des)inscrições da África urbana no mundo.” Publicado no site BUALA, este contém o conjunto de referências que inspirou o presente texto.

² Este e os seguintes excertos em itálico são retirados da edição da Biblioteca Folha (São Paulo, Brasil) do livro de Italo Calvino *As Cidades Invisíveis* (p. 11).

Chicala City¹

RICARDO CARDOSO

Travellers return from the city of Zirma with distinct memories.²

Italo Calvino, "Invisible Cities"

Many of those visiting Chicala return with indistinct memories. From the fortress, the neighbourhood glitters over the sea it has conquered. On the way to the island, a fleeting mass of mud and corrugated iron sheets. Chicala is not the city. Chicala is one more musseque. Chicala is redundant, *it repeats itself so that something will stick in the mind.*

My memory of Luanda is full of Chicala. Of early mornings and kola nut. Of stories from this world and others. Of Shanghai, of São Paulo and of Kinshasa. Of bohemia and laziness. Of grilled cacusso³ with banana and beans. Of nights out and walked memories. Of Pentecostal prayer and Sunday hymns. Of crab legs sucked to the sound of Namibe. Of beer. Of work. Of Lingala, French and Mandarin. Of languid weekends awoken by fish stew. Of jinguba⁴ and laughing cows. My memory is redundant, *it repeats signs so that the city can begin to exist.*

Situated quite close to Luanda's symbolic epicentre, Chicala occupies a marginal position within the axiomatic cartography supporting dominant models of urban analysis and intervention. Like many other neighbourhoods in Angola's capital (and countless others scattered throughout a whole continent), its place in the world tends to be described outside of modernity. Chicala is unorganized. Chicala is overpopulated. Chicala does not live up to the ambitious plans of a nascent city.

The consequences of this discursive disposition are plentiful and diverse. In their most conventional version, modernization policies aiming to solve the crises prefigured by Chicala and so many other urban areas tend to be situated along a continuum connecting plans with global reach to locally based interventions. If, on the one hand, the ambition is to strengthen Luanda's position in the political and economic hierarchy organizing contemporary cities, on the other, innovative requalification of places, decentralization of decision-making and community development are relentlessly prescribed.

But even if these paths are potentially distinct, the doctrinal cartography supporting them is unequivocally similar. Even though the solutions for territories in crisis might present fairly divergent normative configurations, the ways in which their underlying diagnostic efforts characterize them through their incompleteness and insufficiency tend to converge. Chicala is presented as being off the grid of interconnections and experiences that constitute the modern world. In one way or another, action must be taken for it to become a city.

Without wishing to overlap substantially different approaches or minimize the importance of taking robust measures to improve the desolate conditions in which most Luandans live, this analytical convergence seems to be rooted in a considerable confining movement in our imaginative capacity; particularly in what regards the appreciation of the urban experience. From these conventional theoretical configurations, we stand to learn little about Chicala and the other areas it supposedly resembles. It is then urgent to promote alternative ways to examine them. Contrary to what has been exposed, these should be based on a theoretical cartography capable of providing epistemological conditions suited for appreciating these areas' thriving urbanity and comprehending the specific contours of their relationship to the world.

In line with what has been put forward by several authors with a special interest in the study of contemporary African cities, an analytical undertaking of this kind must necessarily focus on matters of unpredictability, circulation and experimentation when examining the specificity of the worlding practices which constitute the everyday experience in areas like Chicala. Not doing so as to proceed in a straightforward proclamation of a particular or localized configuration of modernity (and subsequently contribute for the theoretical proliferation of urbanisms), but having as its driving force the geographical reconfiguration of symbolic referents in the interconnected concepts of urbanity and globalization.

Although the vast majority of Luandan society lacks capacities and powers to claim autonomy or exert control over global economic functions, the city and its various neighbourhoods are daily employed by their members as fundamental resources for acting at the level of the world. Despite the overwhelming urban dysfunctions characterizing it and the enormous adversities perturbing the lives of those dependent on it, all through the Angolan capital distant regions are called upon and global processes articulated. Upon the moving sands of Chicala, migratory circuits are settled, convictions disseminated and commodities traded. The worlding practices of economic, symbolic or

affective nature that materialize these circulations within the everyday fabric of the neighbourhood, mould it as a space for experimentation and transformation in which no terms of action are predetermined. Chicala is also characterized by the dynamic repertoire of modern knowledge, competences and sensibilities that constantly transacts.

It is therefore important to analyze and understand it as such, incorporating it within the parameters of contemporary Luandan urbanism and inscribing it in the theoretical imagination of the modern world. Because Chicala is not a small neighbourhood. Chicala is *Chicala City*.

¹This text draws from my memory and experience of Chicala in order to articulate theoretical issues relevant to African urbanism, some of which have been addressed in an essay publish on BUALA (www.buala.org), “Pela cidade que já o é: as (des)inscrições da África urbana no mundo” contains the set of references that have inspired the present text.

²This and the following excerpts in italics are translated from the Biblioteca Folha Edition (São Paulo, Brazil) of Italo Calvino’s *Invisible Cities* (p. 11).

³Translator’s Note (TN): dried perch (Tilapia cabra)

⁴TN: peanut

Pelos becos de Luanda com o *Kota Cinquenta*

STEFANIE ALISCH

Luanda, Sábado, 20 de Agosto de 2011. No seu programa semanal “Sempre a Subir”, Sebem, o ultraexcêntrico manda-chuva nº 1 da cultura kuduro, dá as boas vindas a Ti Broto e DG, dois jovens artistas de kuduro. Sebem está determinado, como de costume, a encorajar *beef* entre os seus convidados.¹ Mas hoje parece estar com pouca sorte, os kuduristas estão numa amena cavaqueira. Ao invés de se aborrecerem, passam a homenagear-se mutuamente, salientando feitos e habilidades líricas, realçando os conteúdos das respectivas canções e unindo-se em torno do facto de ambos os seus bairros, Rocha Pinto e Maianga, pertencerem ao mesmo município da capital.

A conversa evolui para uma discussão da longevidade dos artistas no mercado do kuduro e das implicações que esta terá na sua relação. Ti Broto é kudurista ativo há sete anos, e DG, mais novo, há apenas três. DG procura explicar os papéis de cada um no contexto do kuduro, usando como metáfora o desgovernado trânsito de Luanda: “Ele já sabe quais são as entradas, quais são os becos onde se deve entrar. Eu tenho que ir buscar a experiência.” Sebem, achando graça, acrescenta: “Ele já está habituado com os buracos, não é? (...) Tu não conheces bem, caís logo no buraco!” O DG concorda:

“Caio e ele vem a rir. Fica complicado. Ele tem que ser como um espelho para mim. Já está no sucesso mas são essas as dicas, para eu não cair. Tem que me aconselhar para me controlar.” Ti Broto escuta e acena.

No dia seguinte terei a oportunidade de conhecer pessoalmente o DG no “Kuduro não pára”, um enorme espetáculo ao vivo no Estádio da Cidadela. Mantemo-nos em contato e o DG acaba por me convidar para o show de kuduro que o seu grupo, *Família Mãe Jú*, apresenta no Rocha Pinto. Nesta festa de bairro ao ar livre, de livre acesso, posso filmar à vontade e exercitar *participação densa* ao ser chamada para dançar no palco.² Volvidos dois meses, já na Alemanha, encontro-me com DG num chat online e aproveito para perguntar se durante a conversa do “Sempre a Subir” terão estado, na realidade, a abordar conceitos de *kota* e *puto*, de mais novo e mais velho. O DG concorda.

Um *kota* é alguém que tem acumulados mais anos de vida, de experiência, ou mais vivências, num determinado campo de atividade. A historiadora de música, Marissa Moorman, descreve o termo: “Os Angolanos, particularmente os Luandenses, fazem referência aos *kotas*, uma palavra oriunda do Kimbundu e que designa

alguém mais velho ou experiente.” (Moorman 2008, 221). O *Kota* merece por isso respeito mas acarreta a responsabilidade de partilhar experiências e guiar os mais novos ou menos experientes, esclarecendo-os também sobre os limites de poder e as barreiras sociais – “controlam-nos” como disse o DG na televisão. *Puto* em Kimbundo significa “mais novo” e espera-se deste que mostre respeito, recebendo, por sua vez, ensinamentos, bondade e disciplina, que poderão estar entrelaçados.

Se não fosse o *Kota Cinquenta* (Paulino Damião), um fotógrafo angolano que trabalha no Jornal de Angola há mais de 30 anos, nem teria visto o debate do trânsito-kuduro e muito menos teria tido a oportunidade de visitar os bastidores do Estádio da Cidadela. Cinquenta (“50”) ostenta cartões-de-visita onde se pode ler a designação *Kota* à frente da sua alcunha. As origens desta alcunha remontam aos Jogos Olímpicos de Moscovo em 1980, onde terá sido o único entre os fotógrafos de imprensa a utilizar uma objetiva de 50mm, sendo as objetivas dos outros bem maiores.

Ao meu terceiro dia de estadia, e graças à rede académica internacional de conhecedores de Luanda, reúno-me com alguns especialistas numa padaria da Baixa, entre os quais Marissa Moorman, Claudia Gastrow, Sylvia Croese e Paulo Moreira. O Paulo e eu acabamos de descobrir que estamos hospedados em zonas adjacentes – Chicala 1 e Chicala

2 – e caminhamos juntos para casa. Quando chegamos à sua casa temporária, no fervilhante musseque Chicala 2, conheço o seu amável senhorio, o Cinquenta. Enquanto me esforço por equilibrar três crianças no colo, mantendo diálogos simultâneos com as três, o Cinquenta questiona-me sobre as razões da minha viagem. “Então estás a pesquisar o kuduro? Vamos ligar ao Sebem para ver o que é que se passa.” Sebem, não sei se estarão recordados, é O mandachuva dos média, cantor, ícone de moda kuduro. Cinquenta encontra um número num dos seus telefones, liga e engata um bate-papo.² Estou certa de que me estará a dar tanga, mas ao mesmo tempo não consigo imaginar por que o faria. E é só ao ouvi-lo descrever o meu projecto de pesquisa e a passar-me o telefone que me apercebo de que está realmente o Sebem do outro lado da linha. Volvidos dois dias estávamos no Estádio da Cidadela, a conhecê-lo.

Não interessa que o Sebem me cancele encontro após encontro nas semanas que se seguem. “Estilo dele”, será a explicação que mais me oferecem. Arquivo os cancelamentos como *participação densa*. O que interessa, o que realmente interessa, é que o Cinquenta tem o número do Sebem, que lhe liga de imediato, que se dá ao trabalho de explicar a minha situação, que nos arranja passes de imprensa, que nos acompanha duas vezes ao Estádio da Cidadela, que me incita a encontrar o Sebem e apresentar-lhe a minha pesquisa ainda antes do espetáculo começar –

que me acolhe debaixo da sua asa tal como terá já feito ao Paulo. A partir desse dia, fluímos por Luanda os três, somos uma *crew*.

Terminado o telefonema, ainda na sala de estar do Cinquenta, idealizamos visitas de pesquisa para os próximos dias. É já noite – não devo andar de táxi sozinha – por isso Cinquenta e Paulo sugerem-me que apanhe o barco que faz a travessia da Baía da Chicala num contínuo vaivém de pessoas e mercadorias. Chicala 2 é um exemplo de convivência animada num bairro informal, onde o pôr-do-sol dá força à azáfama das ruas. A nossa caminhada inicia-se pelas ruas principais onde se vende carne de churrasco ao som de música. Volvidos alguns minutos viramos à direita para uma ruela estritamente residencial. Passados 300m, mais uma vez à direita, para um beco que nos leva à Baía da Chicala. Margens de lixo flutuante, águas pretas. A baía abre-se ao oceano, sentimos a corrente e a brisa da maré que sobe. Embarcamos num bote, pagando a taxa equivalente a 80 cêntimos de euro e logo nos encontramos a caminho. O Cinquenta incita-me a tirar fotografias, mas prefiro embeber-me do momento. Atracamos na margem oposta, há um penedo que me esforço por subir, e tento convencer o Cinquenta a manter-se

no barco para regressar a sua casa. Mas ele insiste em que me levem a casa e partimos para nova exploração dos becos que correm entre as casas da Chicala, desta feita do lado oposto da baía.

Não será por acaso que Cinquenta ostenta *Kota* no seu cartão-de-visita. Durante as três semanas passadas em exploração, percorrendo praças e estádios, becos e telhados, em busca do kuduro, ele ensina-me como lidar com o trânsito de Luanda, as carrinhas, táxis e barcos, autocarros públicos e trilhos. O Cinquenta orienta entradas (“Ligamos ao Sebem”), flui pelos becos (“Vamos ver o atelier do artista Etona nos contentores ao lado de tua casa”), aponta os buracos (“Pede sempre que te ajudem a apanhar o táxi seguinte”) e, por vezes, exerce um controlo ao de leve (“Desliga a câmara, para poupar bateria”).

Persiste uma imagem. De máquina fotográfica ao pescoço, Cinquenta baixa, calmo, do passeio para o caótico trânsito da cidade. Olhos nos olhos com os condutores que enfrenta, levanta-lhes o polegar num gesto agradecido e autoritário. Os carros páram, atravessa Cinquenta ao seu ritmo. Os *putos* obedecem ao *Kota* Cinquenta.

¹ *Participação densa* é um método de pesquisa desenvolvido pelo etnólogo Gerhard Spittler, inspirado na *descrição densa* de Clifford Geertz.

² Muitos luandenses portam dois telemóveis, um para cada rede móvel (Movitel e Unitel).

Through the back-alleys of Luanda with *Kota Cinquenta*

STEFANIE ALISCH

Luanda, Saturday night, 20th of August 2011. In his weekly TV show “Sempre a Subir” (“Always on the up”) Sebem, kuduro’s überflamboyant media gatekeeper no.1, welcomes the two young kuduro singers Ti Broto and DG. As usual, Sebem tries to encourage *beef* between his guests.¹ However, tonight Sebem has trouble getting his guests to *beef* beyond friendly banter. Instead of fighting they soon pay brotherly respect to each other’s achievements and lyrical skills, laude the content of their songs and bond over the fact that their neighborhoods, Rocha Pinto and Maianga, are part of the same council of the capital.

Soon the discussion deviates as to who has spent more time in the kuduro market and what that means for their relationship. Ti Broto has been an active kudurista for seven years, the younger DG only for three. He uses Luanda’s crazy traffic as a metaphor for the kuduro game when explaining their roles: “It’s like the traffic. He already knows the entries and back alleys and where you need to go in. I have to gain this experience still.” The amused Sebem picks up his word play: “So you’re saying he already knows the traffic jams and holes in the road ...”. DG again: “Yes! He knows the holes and I don’t. So if I fall in and he stands there laughing, we’ll have a problem. But as he

has spent more time in the kuduro market and knows how it functions, he should orient us younger ones, tell us where the holes are, so we can avoid them. He should control us too.” All the while Ti Broto sits silently, nodding his head.

The next day at the big live show “Kuduro não pára” at Cidadela stadium I shall get to know DG personally. We stay in touch and he invites me to a kuduro show his group *Familia Mãe Jú* puts on in Rocha Pinto. At the block party, open air and free of charge, I can film leisurely and do exercises in the method of *thick participation* when called on stage to dance.² In an online chat some two months later, already back in Germany, I ask DG if in the above described conversation at “Sempre a subir” they discussed the Angolan concept of *kota* and *puto*, the elder and the younger. DG agrees.

Kota is someone who has spent more time in years of life or of gathering experience in a certain field. Music historian Marissa Moorman puts it this way “Angolans, and Luandans in particular, also refer to *kotas*, which is a word that comes from Kimbundu and means someone who is older and wiser.” (Moorman 2008, 221). That is why this person deserves respect, but also bears the responsibility to share experiences and extend guidance

to younger or less experienced ones as well as show them social boundaries and the limits of their power – “control them” as DG put it on TV. *Puto* means “younger one” in Kimbundo and is the one supposed to show respect, but can also expect teachings, kind affection and to be disciplined, the three can be very much intertwined.

If it wasn't for Kota Cinquenta (Paulino Damião) an Angolan photographer who already works over 30 years for the *Jornal de Angola*, I wouldn't have even watched TV that night to catch the kuduro-traffic debate, let alone have arrived at the backstage area of Cidadela stadium. Cinquenta (“50”) has *Kota* printed on his business card in front of his nickname. The moniker 50 was given to him because he was the only press photographer at the 1980 Olympics in Moscow who worked with a 50 mm objective. Everyone else used larger ones.

Through the academic network of Luanda specialists like Marissa Moorman, Claudia Gastrow, Sylvia Croese, Paulo Moreira and I meet on the third day of my stay at a bakery in *cidade baixa* (downtown Luanda). When we discover that we live in neighboring quarters – Chicala 1 and Chicala 2 - Paulo and me stroll home together. Eventually we arrive at his temporary home in the bubbly *musseque* Chicala 2 and meet his sweet host Cinquenta. While I am struggling to fit three young children on my lap and hold down a conversation with all of them at

the same time, Cinquenta inquires about my trip. “Oh, you're researching on kuduro? Let's call Sebem to see what's going on.” Sebem is THE media gatekeeper – singer – fashion icon in kuduro, remember? Cinquenta finds a number in one of his phones, rings it and starts chatting.² I am sure he is pulling my leg, but at the same time I can't image a reason why he should. Only as he describes my research project to his interlocutor and passes the phone over to me so I can speak to him I realize it's Sebem for real. Two days later we meet him at Cidadela stadium.

It doesn't matter that Sebem breaks appointment after appointment during the coming weeks. “Estilo dele” (“his style”) is most people's comment. I file the cancellations under *dense participation*. What matters is that Cinquenta has Sebem's number on his phone, that he calls him straight away, that he takes the time to explain my case, that he gets us press passes, that he goes twice to Cidadela stadium with Paulo and me, that he urges me to find Sebem and introduce my research to him before the show starts - that he takes me under his wing like he does with Paulo. From the day meet, the three of us roll through Luanda as crew.

After the phone-call in Cinquenta's living room we scheme about research trips for the next days, it's already dark and I shouldn't go home in a taxi alone, so Cinquenta and Paulo suggest to sit me in a boat that crosses the Chicala Bay back and forth transporting people and goods. Chicala 2 is an example of lively conviviality in an informal quarter where the sunset increases the hustle and the bustle in the streets. We start walking through main roads where people sell barbequed meat and listen to music. After some minutes we take a right into a smaller purely residential road and after 300 meters another right again into a *beco* ("back alley") that takes us to Chicala Bay. Its shores floating garbage, its waters black. The bay opens into the ocean and we feel the current and wind of the incoming tide. We enter a boat, pay a fee of ca. 80 Euro Cents and set over. Cinquenta urges me to take pictures, but I choose to just soak in the moment. Struggling on to a rock at the other shore, I try to ask Cinquenta to stay on the boat and go back home, but he insists that they'll walk me home and so we once again explore the back-alleys between the houses of Chicala, now on the other

side of the bay.

Cinquenta does not carry *kota* on his business card idly. During the three weeks we spend exploring public squares and stadiums, back alleys and rooftops in the search of kuduro he gives me an introduction into how to maneuver the traffic of Luanda, it's minibuses, taxis, boats, public buses and foot paths. He leads through the entries ("Let's call Sebem") and guides through back alleys ("Let's go and see the atelier of artist Etona in the shipping containers near your house"), points out dangerous holes in the ground ("Always pressure people to help you finding the next taxi") and sometimes very gently exercises control ("Switch off your camera to save battery").

One image lingers. Camera around his neck, Cinquenta slowly steps into Luanda's rushing traffic from the roadside. He makes eye-contact with the advancing drivers while putting his right thumb up towards them in a gesture performing both gratitude and command. Cars stop and he crosses the street at his own pace. The *putos* obey *Kota* Cinquenta.

¹ *Thick participation* is a research method developed by Gerhard Spittler, inspired by *thick description* by Clifford Geertz.

² Many Luandans carry two mobile phones, one for each network (Movitel and Unitel).

Monitoria Participativa da Pobreza Urbana¹

ALLAN CAIN

Há umas semanas partilhei com o Paulo umas metodologias que poderiam ser aproveitadas no estudo da Chicala. Trata-se de ferramentas que estamos a utilizar num programa conjunto com o Ministério do Urbanismo e a UN-Habitat sobre monitoria dos indicadores de bem-estar e pobreza em diversas cidades de Angola. Gosto de utilizar os dois termos, porque os indicadores do bem-estar são, em muitos casos, também indicadores de pobreza. A zona da Chicala não foi abrangida pelo estudo, por isso esta foi para nós uma oportunidade de aprender com este trabalho.

Aplicámos métodos para medir a pobreza urbana, estabelecidos a nível municipal pela UN-Habitat. O sistema tem como objectivo reduzir a pobreza mundial a metade, até 2015. Consiste em aplicar cinco indicadores: densidade populacional, posse de terra, qualidade habitacional, acesso a água e situação do saneamento básico.

A Development Workshop [DW] está a colaborar com o Instituto Nacional de Ordenamento do Território e Urbanismo [INOTU] e o Ministério do Urbanismo para recolher informação geográfica, criando um sistema de mapeamento participativo a que chamamos *remote sensing* (utilização de imagens de satélite, mapas,

etc). Simultaneamente, estamos a trabalhar no campo, e juntamos todo o material para criar tipologias de assentamento.

Através do mapeamento e contagem de milhares de casas, estabelecemos uma distribuição das tipologias pelo território da cidade de Luanda. Os musseques mais antigos como o Sambizanga e o Rangel (a Chicala também entra nesta categoria) têm as populações mais numerosas. Mas há musseques na periferia igualmente populosos. O nosso estudo mostra que ainda 76% da população da cidade vive no que podemos considerar musseques.

Cada um dos indicadores tem vários sub-indicadores. Por exemplo, ter água canalizada em casa é considerado como 'aceitável'; quando se tem que andar até 200 metros para recolher água no chafariz – isto é uma definição do Governo – considera-se um acesso a água 'razoável'; mas andar mais de 200 metros entre a sua casa e um posto de fornecimento de água, é considerado como um nível 'não aceitável'.

Em termos de qualidade habitacional, olhamos para os materiais de construção. Por exemplo, um indicador bastante útil é o material utilizado para pavimento (terra batida, cimento, parquet, mosaico).

Cada indicador tem a sua escala e é relativamente fácil formar técnicos para recolher informação no campo, porque todos os indicadores são tangíveis. Pode-se ver como é o teto: se é chapa, telha ou betão.

O estudo sobre densidade populacional foi a tarefa mais difícil de realizar. Utilizámos imagens de satélite, que tivemos que comprar em 2008, mas agora são gratuitas no Google (pagámos cerca de 50 mil dólares para adquirir os dados, e poucos meses depois o acesso tornou-se gratuito, na internet...). No programa anual de estágios da DW, tivemos um grupo de estudantes e membros do INOTU a mapear cada casa da cidade de Luanda, durante 9 meses. Estamos agora a completar o levantamento, com os mais recentes dados de 2010 do Google Earth. Após o mapeamento, fomos ao terreno verificar se cada estrutura tinha um, dois ou dez pisos.

As equipas recolheram informação sobre as diversas tipologias de assentamento, e concluíram que diferentes tipos têm diferentes densidades. Nos musseques antigos, a densidade é diferente daquela encontrada nas periferias. Vamos confirmar se os cálculos estão certos nos Censos que o Instituto Nacional de Estatística [INE] vai fazer nos próximos anos, mas suspeito que são dados válidos, com um possível desvio de 5%.

O mesmo se passa em relação à informação sobre a posse de terra, recolhida ao longo de vários anos. Em 2003 descobrimos que cerca de 20% da população urbana tinha documentação legal sobre a sua casa (documento de compra-e-venda, título de superfície ou registo predial).

No início de 2011, realizámos o mesmo inquérito e descobrimos que menos de 7% da população tinha documentação legal. Na realidade, são as mesmas pessoas: a população da cidade duplicou, aproximadamente, e os 20% de 2003 são os 7% de hoje. Conclui-se que poucos títulos de propriedade têm sido emitidos nos últimos anos - vamos confirmar com os colegas do Ministério do Urbanismo e do Governo Provincial. Há uma tentativa recente do Instituto de Planeamento e Gestão Urbana de Luanda [IPGUL] de regularizar terrenos e propriedades, mas até àquele estudo pouco foi feito.

Riscos ambientais também foram mapeados: áreas sujeitas a inundações, áreas em risco de erosão, áreas de alto risco de doenças como malária, cólera e diarreia. Foi feito o cruzamento desta informação com a base demográfica para mostrar o número de pessoas afectado por cada tipo de risco.

Indicadores do preço da água foram também modelados. Fizemos um estudo realmente interessante que demonstrou que, em Luanda, o valor do mercado informal de água é cerca de 250 milhões de dólares por ano (dados de 2008). Só em Luanda, a compra e venda de água movimentam um quarto de bilião de dólares!

Naquele ano, a Empresa Pública de Água de Luanda [EPAL] movimentou cerca de 17 milhões de dólares, menos de 10% do mercado. Estamos a tentar utilizar esta informação para convencer o Governo, através do Ministério de Água e Energias, que de facto os pobres pagam muito mais pela água do que aqueles que vivem no centro da cidade, onde se paga cerca de 30 centavos/metro cúbico. Os pobres, por outro lado, pagam 20-30 dólares/ metro cúbico e têm água de pouca qualidade, muitas vezes não desinfetada.

A EPAL nem pode cobrir o custo de emissão das facturas com rendimento que tem... Portanto estamos a tentar convencer os governantes que de facto a água gratuita só está a beneficiar os ricos, que podem pagar água da rede. Mas se o Governo investisse uma pequena percentagem, mesmo que seja 10% do valor pago pelos pobres, muita coisa poderia melhorar. Pelo menos colocando chafarizes em cada comunidade, senão mesmo água canalizada nas habitações. Com tanto dinheiro que os pobres têm que investir, essa classe está perdida.

É um argumento que estamos a procurar defender.

Algumas pessoas queixam-se do uso que faço da palavra 'pobreza'. Digo que pobreza urbana não é uma indicação do dinheiro no seu bolso, nem do seu salário; é uma indicação das condições de vida urbana. Este sistema de medição não é um cálculo da riqueza em termos de moeda ou ordenado, é uma indicação baseada nos indicadores referidos. Na matriz que apresentámos, fez-se também um diagnóstico identificando os fatores mais importantes para cada comunidade e, como esperado, o que realmente é importante para as pessoas é a água e a posse de terra.

Estes são dados relevantes quando se pensa em planeamento urbano. Para aqueles que estão envolvidos na *arquitetura social* ou no *desenvolvimento social*, é também importante lembrar: "informação tem poder". Do mesmo modo, as comunidades envolvidas devem utilizar os dados para fazer advocacia ao nível dos conselhos municipais. É uma força bastante importante, porque o Governo fez vários compromissos (Água para Todos, 1 milhão de habitações sociais e outros) na altura das eleições. Acredito que esta possa ser uma maneira das comunidades medirem se de facto têm beneficiado ou não daqueles compromissos. É um modo de argumentar com as autoridades locais, para ser incluído não excluído. Se as populações têm

dados que provem que têm sido excluídos destes programas, têm um argumento forte que podem invocar para defender os seus direitos como cidadãos.

Os nossos estudos podem também demonstrar outro facto evidente: os pobres ocuparam as terras atualmente mais valorizadas na cidade de Luanda - e a Chicala é uma dessas zonas. Cerca de 40% da população da cidade vive nos musseques mais antigos, aqueles que têm mais de dez anos.

De facto, estas são zonas onde as populações investiram todas as suas poupanças (na casa, na compra da sua terra). A maior parte destes terrenos não são ocupados de uma maneira clandestina, são comprados. Novos habitantes compraram a terra dos mais antigos.

Muitas pessoas consideraram que, por terem comprado e investido nas suas terras, tinham direitos de posse sobre elas. Mas de facto há muito pouca segurança nas zonas mais valorizadas. Por exemplo, a Chicala corre sérios riscos porque é uma área interessante para fins turísticos e comerciais. Claro que há investidores a olhar para aqueles terrenos, a fim de construir hotéis e habitações de luxo. Neste processo

de transformação, a *indeminização* para as populações consiste num terreno no Zango ou no Panguila, que obviamente têm um baixo valor em comparação com as terras de onde as pessoas serão removidas.

Por tudo isso, o assunto da posse de terra é fundamental. Em países como Moçambique, o princípio de *ocupação de boa fé*, está incorporado na Lei de base das terras. As pessoas que ocuparam ou compraram terrenos, ganham os direitos da posse de terra ao fim de sete ou dez anos.

Mas em Angola o direito à terra foi retirado na Lei de 2004. Mesmo os direitos antigos que estavam incorporados no Código Civil foram removidos. Não há direitos de ocupação de boa fé em Angola. É aqui que a advocacia tem que ser feita, para proteger os interesses dos pobres, dos ocupantes de zonas como a Chicala, Sambizanga, Cazenga, Rangel e várias outras áreas destinadas a 'requalificação'. Concorro que precisam de ser requalificadas (precisam de água, de serviços...), mas o facto de aquelas pessoas serem afastadas ou retiradas da cidade e colocadas na margem, na periferia, onde o valor da terra é mínimo, é uma questão cívica que tem que ser discutida, debatida entre urbanistas e as autoridades.

¹ Transcrição da intervenção na sessão de encerramento do Workshop de Arquitectura Social. Luanda, 16 de Agosto de 2011, anfiteatro do Departamento de Arquitectura da Universidade Agostinho Neto

Participatory Monitorization of Urban Poverty¹

ALLAN CAIN

A few weeks ago I shared with Paulo some methodologies which I considered might be useful for the study of Chicala. These are tools we have been using in the scope of a joint program with the Ministry of Urbanism and UN-Habitat, aimed at monitoring indicators of well-being and poverty in several Angolan cities. I like to use both terms, because indicators of well-being are, in many cases, poverty indicators also. The Chicala area was not included in our study, so this Project seemed for us an opportunity to learn more about the area.

We have applied the methods for measuring urban poverty established by UN-Habitat worldwide. The system aims to reduce world poverty to half its present level by 2015. At its heart is the application of five indicators: population density, land ownership, housing quality, access to water and level of proper sanitation.

The Development Workshop [DW] is collaborating with the National Institute for Spatial Planning and Urbanism [INOTU] and the Ministry of Urbanism in collecting geographic information which is then used to develop a participatory mapping system which we call remote sensing (use of satellite imagery, maps, etc). At the same time we have also been doing field work, assembling our

findings towards defining typologies. By counting and mapping of thousands of houses, we have established a distribution of typologies throughout the city of Luanda. The oldest musseques like Sambizanga and Rangel (Chicala also falls within this category) have the largest populations. But there are also populous musseques on the city outskirts. Our study shows that 76% of the population lives in what we might consider shanty towns.

Each of the indicators mentioned has a number of sub-indicators. For example, having tap water at home is considered an *acceptable* level of access to water; Having to walk 200 meters to collect water at a fountain – this is a Government definition – is considered *reasonable*; but having to walk over 200 metres from home to water supply, is classified as *not acceptable*.

In terms of housing quality, we take account of building materials. One quite useful indicator, for example, is the type of material used on floors (clay, cement, parquet floors, mosaic). Each indicator has a defined scale and, because all indicators are tangible, it is relatively easy to train technicians for information gathering in the field. Roofs are easily classified as corrugated sheets, tiles or concrete.

The study of population density was the hardest task to accomplish. We used satellite imagery, which in 2008 had to be purchased, but which is now free on Google (we paid about 50 thousand dollars to acquire the data and a few months later access became free on the internet...). Through DW's annual internship program, we established a team of students and INOTU members which mapped every house in the city of Luanda, over 9 months. We are now completing this survey, with the latest data made available by Google Earth 2010. Having mapped the structures, we went into the field to check their number of floors, be it one, two or ten.

Teams gathered information about the various settlement typologies and concluded that different typologies typically have different densities. In older musseques, the density is different from that found in the outskirts. The accuracy of our calculations will be checked with the upcoming Censuses which the National Institute for Statistics [INE] will be carrying out in the coming years, but I suspect the data is quite valid, within a 5% deviation.

The same applies to the data on land ownership, collected over the course of several years. In 2003 we found that about 20% of the urban population held legal documentation for their homes (purchase agreements, land contracts or real estate registry documents).

In early 2011, we conducted the same survey and found that less than 7% of the population held legal documentation. These are, in fact, the same people: the city's population has approximately doubled, and the 20% of 2003 are today's 7%. We might conclude that few land rights have been issued in recent years - our colleagues at the Ministry of Urbanism and Provincial Government might confirm that this is the case. There has been a recent effort by the Institute of Urban Planning and Management for Luanda [IPGUL] to regularize land ownership and properties, but to the date of our most recent study, little had been achieved.

Environmental risks were also mapped out: flood-prone areas, areas at risk of erosion and areas at high risk of diseases such as malaria, cholera and diarrhea. This information was crossed with demographic data to show the number of people affected by each type of risk.

Indicators of water prices were also modeled. We carried out a truly interesting study which showed that the value of Luanda's informal water market is approximately 250 million dollars per year (2008 data). In Luanda alone, the purchase and sale of water engages a quarter of a billion dollars!

In the same year, the Luanda Public Water Company [EPAL] supplied about 17 million dollars of water, representing less than 10% of the total market. We are attempting to use this information to convince the Government, through the Ministry of Water and Energy, that the poor pay much more for water than those living in the city centre, who only pay about 30 cents/cubic metre. The poor, on the other hand, pay up to 20-30 dollars/ cubic meter and a lower quality of water, which is often not disinfected.

EPAL's earnings don't even cover the cost of their invoices... So we are trying to convince those in charge that this free water is in fact only really benefiting the rich, who have access to the municipal water network. If the Government were to invest only a slight fraction, as little as 10% of the amount paid by the poor for water, much could be improved: at the very least each community could have a fountain, if not running water in every household. The amount of money the poor are currently forced to invest in water is reducing their possibilities of leaving the poverty trap. This is the perspective we have been trying to defend.

Some people have complained of my use of the word "poverty". I say that urban poverty is not indicative of the money in your pocket, or of your wages; it is indicative of urban living conditions. This measurement system is not a calculation of wealth in terms of currency or

salary, it is an orientation based on the indicators listed. In the matrix we have presented we have also included a diagnostic identification of those factors most important to each community and, as expected, the issues which really matter to people are access to water and land possession.

These data are relevant when thinking about urban planning. For those involved in *social architecture* or *social development*, it is important to remember: "information is power". Similarly, the communities involved should use this data for enhanced advocacy at a municipal council level. This becomes an especially important force for change when we take into account the many commitments the Government has made (water for all and a million social housing units, amongst others) during election campaign. I believe this is a way in which communities can measure whether they have benefited or not from those commitments. It is a way of leveraging with local authorities, to be included, not excluded. If people have data showing they have been excluded from these programs, they are armed with a strong case which they may invoke when defending their rights as citizens.

Our studies also demonstrate another obvious fact: the poor have occupied some of the highest-value land in the city of Luanda, with Chicala being one of those areas. Approximately 40% of the population lives in the oldest musseques, which are those which have existed for 10 years or more.

In fact, these are areas where populations have invested most of their savings (purchasing land, erecting a house). Most of these lots have been occupied in a non-clandestine manner. They have been purchased, with newcomers buying land from existing residents. Many people believe that, having purchased and invested in their land, they have land possession rights. But there is, in fact, very little assurance of this in higher-value areas. Chicala, for example, is at serious risk because of its potential as an area for tourism and trade. Investors are, of course, interested in these lots in order to build hotels and luxury housing. As a part of this transformation process, populations are often offered *compensation* in the form of land in Zango or Panguila, which are obviously of much lower value than the land from which they are removed.

The issue of land possession is vital for all of these reasons. In countries like Mozambique, the principle of “occupation in good faith” is incorporated into the Basic Law for Property. People occupying or purchasing land earn the rights to its possession within 7-10 years.

In Angola, the right to land was removed in the 2004 law. Even the older rights, incorporated within the Civil Code, have been abolished. There is currently no right to occupation in good faith. Advocacy on this issue is a priority, if the interests of the poor occupants of areas such as Chicala, Sambizanga, Cazenga, Rangel – destined for requalification – are to be defended. I agree that they are prime for requalification (they require supplies of water and other services), but the fact that these people are being pushed out or removed from the city and placed at its margin, on the outskirts, where the value of land is minimal, is a civic question that must be discussed and debated by city planners and authorities.

¹Transcription of the intervention at the closing session of the Workshop for Social Architecture. Luanda, 16th of August 2011, amphitheatre of the Universidade Agostinho Neto Architecture Department.



WORKSHOP



O papel social do arquiteto¹

PAULO MOREIRA ENTREVISTADO POR VÂNIA VILELA

É verdade. Já cá estamos no nosso momento cultural. Como costume dizer, no Sexto Sentido respira-se cultura de Segunda a Sexta-feira. Já tenho o nosso convidado, bom dia, seja muito bem-vindo ao nosso Sexto Sentido. O meu convidado é o arquiteto Paulo Moreira, que nos veio falar do Workshop de Architectura Social: Chicala 2011.

Antes de mais deixe-me só agradecer a oportunidade para divulgar esta iniciativa que está a decorrer esta semana na zona da Chicala. É uma atividade que envolve o curso de Arquitetura de duas Universidades aqui de Luanda.

Este workshop vem na sequência de quê?

Está integrado num trabalho de Doutoramento que estou a fazer em Londres, na London Metropolitan University, que é precisamente um estudo sobre a cidade de Luanda. Estou neste momento, durante este mês, a realizar uma viagem de investigação e nesse sentido contactei a Universidade Agostinho Neto e a Universidade Lusíada no sentido de saber sobre o interesse em colaborar numa atividade com grupos de estudantes, para fazermos trabalho de campo, que denominamos trabalho social.

Há então uma parceria entre a London Metropolitan University, a Universidade Agostinho Neto e a Lusíada.

Sim, mas deixe-me também referir duas entidades que estão a dar todo o apoio logístico, a DW e a Hope & Space.

Qual é o principal objetivo deste workshop?

O objectivo é consciencializar a comunidade académica, neste caso os futuros arquitetos de Angola, sobre questões sociais. Sobre o que é trabalhar de forma participativa, em relação direta com residentes duma determinada comunidade, respondendo a necessidades reais, propondo melhorias de pequena escala para o dia-a-dia do funcionamento de bairros mais necessitados.

E o que é que os nossos futuros arquitetos, atualmente estudantes de arquitectura, vão fazer neste workshop?

Houve uma grande adesão a esta iniciativa, estão mais de setenta inscritos...

Mais de setenta, bastantes!

Sim, ficámos bem surpreendidos e agradecemos também o grande interesse que isto despertou. No fundo, estão a realizar inquéritos

junto da população, a fazer levantamentos sobre o tipo de construções existentes (os sistemas construtivos, os materiais utilizados). Depois desse reconhecimento, faremos uma série de intervenções de pequena escala, onde a intenção é utilizar materiais de baixo custo, materiais reciclados, etc. Portanto, há aqui um trabalho de campo que visa recolher informação sobre o estado atual da zona de estudo e, numa segunda fase, os estudantes estarão na Universidade a trabalhar sobre aquilo que recolheram e a propor eventuais melhoramentos.

Os estudantes vão participar de forma bem ativa... Quando e onde será realizado este workshop?

O workshop já está a decorrer. Houve uma sessão de lançamento na Segunda-Feira passada, na Universidade Lusíada. Ontem e hoje os estudantes estão na Chicala, como disse, e entre amanhã e Segunda-feira estaremos na Universidade Agostinho Neto e na Lusíada a desenvolver os trabalhos. Na Terça-feira dia 16, a partir das 9h da manhã, no anfiteatro do Departamento de Arquitetura da Universidade Agostinho Neto, haverá uma apresentação dos resultados e debate com uma série de convidados, que virão conversar sobre qual o papel social do arquiteto, ou do futuro arquiteto.

Qual é o papel social?

O arquiteto, como interveniente direto na paisagem construída, tem uma grande responsabilidade no

modo como a cidade vai ser usada... Portanto é muito importante que os seus projetos, os seus edifícios, respondam àquilo que é a cultura local, àquilo que são os hábitos e costumes, as necessidades dos habitantes... Sem dúvida que a arquitetura é uma arte social.

Depois deste sucesso, desta grande adesão, isto é algo a que pretendem dar continuidade?

Sim, estamos interessados em consencionalizar o público sobre este tipo de intervenções, para eventualmente podermos realizar algumas das ideias propostas. É um objetivo a perseguir. Neste momento trata-se de trabalho académico, feitos no âmbito da Universidade, mas por que não? Lanço já agora um apelo a alguém que se interesse por estas questões...

Está a vontade, pode deixar agora o apelo!

Nós sabemos que, não só a Chicala, mas muitos bairros aqui da cidade de Luanda, estão a sofrer uma grande transformação. A cidade está a fervilhar, a malha urbana está em ebulição...

Era isso que eu ia perguntar: porquê ter escolhido a zona da Chicala?

Dizia só rapidamente que, apesar darmos toda a legitimidade aos projetos que estão a decorrer e vão ser implementados na cidade, sabemos que todos esses projetos envolvem grandes equipas de especialistas e necessitam longos

prazos para implementação. A nossa ideia é que, enquanto esses projectos são feitos, poderíamos intervir já, a curto prazo. Através de intervenções de pequena escala, poderíamos melhorar o dia-a-dia da vida do bairro.

E a Chicala porquê? Porque nos interessava escolher uma área que transmitisse a diversidade cultural que temos nesta cidade. Esta foi uma zona que foi sendo transformada ao longo das últimas décadas. Foi crescendo, crescendo, crescendo, e temos através dos inquéritos chegado à conclusão que praticamente todo o país está representado naquele lugar tão específico.

Como é que tem sido a participação destes estudantes? Estão empenhados?

Sim, muito empenhados! Fizemos uma espécie de formação no primeiro dia, ainda na Universidade, para explicar em que consistem os tais inquéritos, como é que se deveriam dirigir à população, etc. Conversámos sobre o trabalho que iria ser feito no campo e desde aí notei um grande interesse e entusiasmo. Ontem estivemos todo o dia, de manhã e de tarde, a realizar uma visita guiada com representantes dos moradores que também nos apoiaram, receberam-nos de braços abertos.

Os moradores então estão abertos a esta vossa iniciativa?

Exatamente. Sim, estão todos recetivos e muito curiosos também para ver os resultados que irão surgir. E nós também estamos muito interessados em saber qual será a reação e a recetividade por parte dos moradores.

E então o que é que podemos esperar quando terminar este workshop?

Muito concretamente, julgo que poderemos esperar a melhoria de espaços coletivos, por exemplo, campos de jogos pra crianças, parques infantis, creches, melhoria também dos espaços públicos para reunião da população, por exemplo com cobertos onde se possam proteger do sol durante o Verão...

Faltam espaços de lazer em Luanda? Faltam-nos zonas verdes?

Julgo que sim.

Porque uma das maiores preocupações dos pais do nosso país é que, quando chega ao fim-de-semana, não têm onde levar as suas crianças para passar um bom momento. Faltam-nos esses espaços?

Daquilo que conheço da cidade de Luanda, tenho essa percepção. Sem dúvida que faltam esse tipo de lugares. Uma das questões presente no inquérito aos residentes, é precisamente pedir sugestões para melhoria dos espaços públicos... O que é que está em falta? E temos reparado que realmente há muita gente com vontade de ter mais e

melhores espaços públicos, onde se possa brincar, jogar, fazer piqueniques. Portanto, estamos a tentar trabalhar nesse tipo de questões. *Esta capital, Luanda, cresce a olhos vistos. Todos os dias acordamos e vemos novos prédios a surgir. Têm sido respeitadas essas questões neste novo plano arquitetónico e urbanístico da cidade de Luanda? Hoje me dá vemos tantos contrastes... ao lado de um edifício antigo nasce uma torre gigante, completamente diferente.*

Claro que este momento de transformação cria momentos de contrastes. Estamos a viver no momento da transformação, estamos a assistir a essa alteração. Eu julgo que seria importante haver consciência sobre o que é o património da cidade. Há muitos edifícios de grande importância histórica.

É importante realmente respeitarmos o património de qualquer cidade, em todo o mundo. Vamos então recordar o calendário deste workshop que começou no dia oito de Agosto. Estamos no terceiro dia deste workshop de arquitetura social. O que é que ainda vai ser feito de Quinta dia 11 a Terça dia 16?

Hoje, durante todo o dia, estaremos no campo a realizar os inquéritos e levantamentos: saber sobre o tipo de usos que os edifícios têm, o tipo

de comércio que existe, etc. Na Quinta estaremos na Universidade a conversar com os diferentes grupos de estudantes, cada um ficou responsável por uma zona, sobre como correu o trabalho de campo. E quais são as primeiras ideias no sentido de melhorar as condições existentes. Seguidamente, iremos mapear, através de desenhos, todas essas questões que foram recolhidas no reconhecimento preliminar. E criar projetos novos, projetos de ideias, que serão desenvolvidos até Segunda-feira. Na Terça de manhã serão expostos e apresentados no anfiteatro da Universidade Agostinho Neto, para o qual também aproveito para convidar o público que nos está a ver. Será uma sessão aberta e pública, portanto compareçam na Terça-feira para assistir à sessão de encerramento.

Terça-feira então é uma sessão aberta a toda a gente, quem quiser lá estar presente às 9 horas, no anfiteatro da Universidade Agostinho Neto, vai acontecer a apresentação pública dos resultados deste workshop de arquitetura. Paulo, muito obrigada pela sua presença.

Obrigado.

Os luandenses agradecem. Bem, e depois deste momento cultural, é tempo de voltarmos para o nosso zodiaco.

¹Entrevista realizada no programa Sexto Sentido, ZTV Luanda-Sul, Quarta-feira, 10 Agosto 2011

The social role of architects¹

PAULO MOREIRA INTERVIEWED BY VÂNIA VILELA

We're back now for our moment of culture. And, as you've heard me say, on Sexto Sentido we breathe culture, Monday to Friday. We have our guest here with us, good morning, welcome to the show. My guest today is architect Paulo Moreira, who's here to tell us all about the Workshop for Social Architecture: Chicala 2011.

Let me start off by thanking you for this opportunity to promote the event, which is taking place this week in the Chicala area. It's an activity involving Architecture degrees from two Luanda Universities.

And what's behind this workshop?

The workshop is integrated in a Doctoral thesis I'm undertaking at the London Metropolitan University, in London, which is actually a study of the city of Luanda. This month I'm on a research trip to Luanda. I contacted Agostinho Neto and Lusíada Universities to ask if they might be interested in a collaboration aimed at involving student groups in field work, which we might call social work.

So it's a collaboration between the London Metropolitan University and the Agostinho Neto and Lusíada Universities.

Yes, but let me also mention two entities - DW and Hope & Space - which have been offering us invaluable logistic support.

What's the workshop's main objective?

The workshop's objective is to raise awareness of social issues amongst the academic community, future architects in this case. For them to experience work in a participative environment, collaborating directly with a community's residents, responding to real needs, proposing small-scale improvements to the day-to-day functioning of impoverished settlements.

And what should our future architects, those currently studying architecture, expect to experience through the workshop?

There's been a great response to this initiative. We've had over 70 registrations...

Seventy, that's quite a lot!

Yes we've been quite surprised and feel grateful for response this has merited. The students have been hard at work, carrying out a community-based inquiry and surveying existing building types as to their construction process, materials used and so on...

Going on from this, we've put in place a series of small scale interventions, in which we've opted to use low-cost materials such as recycled materials

and so on. So there's an element of the fieldwork which aims to gather information about the area in which the study is taking place and in a second phase, students will be based at their universities where they'll be evaluating the information they've gathered and proposing possible improvements.

So the students will have quite an active role... Where and when is this workshop taking place?

The workshop is already under way. We had the kick-off last Monday at Universidade Lusíada. The students have spent most of yesterday and today at Chicala, as I described, and from tomorrow until next Monday, we'll be at Universidade Agostinho Neto and at Lusíada, developing our ideas. On Tuesday, the 16th, at Agostinho Neto Architecture Department's amphitheatre, starting 9AM, we'll present our results and have planned a debate with a number of guests we've invited to talk about the social role of architects, or future architects.

And what is that role exactly?

Architects, having a direct intervention on urban landscapes, have an important responsibility for the ways in which a city is used... So it is quite important that architect's projects, their buildings, respect or integrate local cultures, customs and habits and the inhabitants needs... Architecture is, without a doubt, a social art.

Having had this success, with an impressive level of participation, is this something to be kept alive?

Without a doubt, we're interested in raising the public's awareness of this kind of intervention, with the aim of eventually putting in place some of the ideas proposed. It's an objective worth pursuing. At the moment it's clearly more of an academic exercise, taking place within the sphere of the university, but why not? I'd actually like to appeal to anyone interested in these issues...

Feel free to do so!

We know that many of Luanda's neighborhoods, not only Chicala, are suffering major transformations. The city is simmering, the urban pattern is at boiling point...

That's something else I was going to ask, why choose the Chicala area?

I'd just like to say that, although we consider as totally legitimate the projects currently underway throughout the city, we understand that they all involve extensive teams of specialists and require considerable timeframes for implementation. Our idea is that whilst those projects are underway we can put in place immediate short-term interventions. Through small scale interventions, we can improve the neighborhoods' day-to-day function.

And why Chicala? Because we were interested in choosing an area which embodied the cultural diversity patent throughout the city. Chicala

is an area which has undergone significant transformation over previous decades. It's been growing and growing and through our surveys we've come to the conclusion that, in this one specific neighborhood, we see represented the entire country.

How has the student participation been? Are they engaged?

Yes, very much so! We had a training session, of sorts, on the first day, whilst at the university, during which we explained the surveys' content, our view of how the population should be approached and so on. We talked about the work we'd be carrying out in the field and right away I felt considerable interest and enthusiasm on part of the students. We spent all day yesterday, morning and afternoon, participating in a guided tour with representatives from the local population who have given us considerable support and welcomed us with open arms.

So the residents have been receptive to your program?

Exactly. They've been especially receptive and also curious about the eventual results. We're also extremely interested in gauging the reaction and receptivity to these results as they appear.

So what can we expect once the workshop comes to a close?

Concretely, I believe we might expect an improvement of public spaces, such as children's games fields, playgrounds and nurseries as well as

improvements in spaces designated for public meetings, such as canvases to shield the public from the sun during the summer months...

Are there enough recreational areas in Luanda? Are we lacking green zones?

I believe so.

Because one of the main grievances amongst parents in this country is that, come the weekend, there's a scarcity of places for them to take their children for a good time. Are we lacking in these spaces?

From what I've seen of Luanda, I've had that perception. I've no doubt that those types of spaces are lacking. We included a segment in the residents' survey in which we asked for ideas for improving public spaces... What's missing? And we've noticed there are plenty of people who wish there were more, or improved, public areas in which to play, relax and have picnics. So we're giving our attention to these types of issues.

This capital, Luanda, is growing as we speak. Every day we see new buildings erected. Have the themes we've talked about today been respected in the city's recent architectonic and urban planning? We see, today, so many contrasts... giant towers growing besides older buildings, from which they're completely different.

This period of transformation is always going to give rise to contrasts. We're living that transformation, we're

witnessing change. It seems to me important that there be an awareness of the city's heritage. There are several buildings of great historical significance.

It's certainly important that we respect the city's heritage, as in any city in the world. So we'll just remind you that the workshop started on the 8th of August. Today is the 3rd day of the social architecture workshop. What can we expect to see from Thursday the 11th to Tuesday the 16th?

During all day today we'll be out in the field surveying the local population and the area: gathering information on the types of use buildings are given, existing categories of commerce etc... On Thursday we'll be at the University talking to groups of students, each responsible for a different area, discussing how the field work went and sharing initial ideas towards improving the conditions they've found. Next we'll map out, through drawings, the questions raised throughout this preliminary review and create new projects, or set out ideas for projects which are to be put in place by Monday. On Tuesday morning these ideas and projects will be presented at Universidade Agostinho Neto's amphitheatre, at an event which I'd like to invite those

watching the show to attend. The session will be open to the general public, so join us on Tuesday for the closing session.

So Tuesday it's an open session and anyone who's interested should come along to Universidade Agostinho Neto's amphitheatre at 9AM, where the public presentation of the architecture workshop's results will take place. Paulo, thanks for coming to the show.

Thank you.

The people of Luanda are grateful. Well, and after this moment of culture, we return to our star signs.

¹Interview on Sexto Sentido, ZTV
Luanda-Sul, Wednesday, August 10, 2011

Alvos de melhoria: ideias sobre um exercício de planeamento participativo em Luanda, Angola¹

CLAUDIA GASTROW

Que dificuldades enfrenta o planeamento participativo num contexto em que as intervenções urbanas são sentidas pela população como imposições? Era esta a questão que me preocupava no acompanhamento que fiz a estudantes angolanos numa excursão à Chicala 2. Tendo vindo a desenvolver pesquisas sobre habitação e cidadania em Luanda, estava com esperanças de conseguir esboçar uma ideia de como estes futuros arquitetos percecionam os musseques de Luanda. Conforme já descrito em diversos estudos, é costume as iniciativas contemporâneas de desenvolvimento urbano remodelarem as cidades de acordo com uma visão urbanística que, embora atrativa para investimento estrangeiro, resulta numa crescente marginalização dos pobres (Caldeira 2000, Chatterjee 2004). O exercício na Chicala teve um objetivo precisamente inverso. Pretendeu-se promover o desenvolvimento de “baixo para cima”. Considero, no entanto, que as anteriores experiências dos residentes com projetos de desenvolvimento dificultaram a destrinça entre a actividade dos estudantes e o contexto generalizadamente politizado de desenvolvimento urbano.

Durante o *boom* na construção civil do pós-guerra, que se mantém há já quase uma década, o desenvolvimento da cidade tem-se caracterizado por projetos de habitação e desenvolvimento urbano de grande escala numa óptica “de cima para baixo”. Estes projetos alteraram rapidamente a dimensão e topografia de Luanda, com resultados particularmente perniciosos para os mais pobres, muitos dos quais tendo sido vítimas de expropriação e demolições. Os estudantes participantes na visita de estudo mostraram-se bem cientes disto, tendo alguns partilhado comigo que este exercício na Chicala se tornara especial precisamente por proporcionar um contato direto com os próprios habitantes do bairro. Explicaram-me que a maioria dos projetos em Angola são impostos às pessoas. Os estudantes pareciam ter então um desejo sincero de se envolverem numa abordagem ao planeamento urbano mais orientado para “as pessoas” e potencialmente para “os pobres”. No entanto, por muito que os estudantes se queiram distanciar das conotações do controverso desenvolvimento urbano de Luanda, terão antes de suplantarem as divisões leigo-especializadas em que, de uma forma praticamente inevitável, se baseiam as intervenções urbanas em Luanda.

Tal como em muitas outras cidades pós-coloniais, os padrões urbanos de Luanda mimetizam ainda as divisões do período colonial. A diferença entre cidade e musseque, não sendo necessariamente estrita, é uma noção que se vai conservando na visão que os habitantes têm da sua cidade. Esta fronteira traça não apenas limites geográficos mas também divisões percepcionadas em termos de estilo de vida, status social e atividades diárias. Para alguns dos estudantes esta foi uma das poucas excursões aos musseques que fizeram ao longo das suas vidas. Por isso mesmo, o exercício representou, por um lado, uma valiosa oportunidade para conhecerem e melhor entenderem a cidade em que vivem e, por outro, um realçar da disparidade entre as suas vidas e a realidade do mundo que lá encontraram. À medida que caminhavam pelo bairro, tirando fotografias, tornava-se patente para os moradores o papel dos alunos enquanto estranhos da cidade que ali entravam para avaliar a situação. Infelizmente, não tive oportunidade de entrevistar residentes sobre as suas experiências; no entanto, uma breve discussão das dificuldades sentidas pelos estudantes levantou algumas pistas.

Aos estudantes foi dada a tarefa de se dividirem em grupos para mapearem alguns setores da Chicala. O trabalho contemplava, entre outras atividades, visitas porta-a-porta para averiguarem a tipologia de utilização das estruturas (residencial, comercial etc.), o número de habitantes em cada

estrutura, os seus empregos e as suas ideias acerca de possíveis melhorias para o bairro. Seria expectável, qualquer que fosse o contexto, deparar-se com alguma hesitação da parte dos residentes em dar resposta a questões colocadas por um perfeito desconhecido. Sente-se, no entanto, uma amplificação desta relutância numa Luanda contemporânea onde as demolições de habitações, quando não completamente sem aviso prévio, são frequentemente precedidas de visitas fugazes aos bairros no decorrer das quais são numeradas as casas em questão, cujos habitantes são alvo de inquéritos rápidos e frequentemente mal conduzidos.

À medida que os estudantes regressavam das suas tarefas, era frequente queixarem-se das dificuldades que terão tido em preencher inquéritos devido à desconfiança dos moradores relativamente às motivações dessas entrevistas. Alguns moradores perguntaram abertamente se o inquérito estaria relacionado com futuras demolições. Ficou patente que para os residentes, pelo menos na fase inicial do projecto, pouca diferença parece haver entre as abordagens dos estudantes e intervenções governamentais “de cima para baixo”. Uma explicação para tal, conforme tenho vindo a delinear, será a mímica que faz a estrutura e metodologia de recolha de dados utilizada neste projeto (inquéritos conduzidos por estranhos) de algumas atividades geralmente associadas a intervenções

governamentais. Parece que os alvos destas intervenções terão encontrado poucas diferenças entre agentes governamentais e estudantes.

Notadas as dificuldades em se desassociarem de práticas governamentais, um possível desafio para os participantes deste projeto será o de pensarem em formas de se dirigirem aos habitantes que não se alicerçam nas divisões clássicas em que se têm baseado as ações de intervenção: perito-leigo, rico-pobre, cidade-musseque. Esta não será, evidentemente, tarefa fácil; digamos que estes não serão problemas específicos de Luanda mas sim do planeamento urbano em geral. No entanto a possibilidade de envolver moradores em conversas sobre o desenvolvimento dos seus bairros

manter-se-à limitada enquanto não se encontrarem soluções. No contexto específico de Luanda, podemos conceber, como primeiro passo, uma rejeição das dicotomias em que se baseiam visões especialistas, abordando-se a Chicala, não como musseque, mas antes como bairro. Embora seja irrealista (e talvez nem desejável) pretender-se daqui uma extinção das representações sociais, estas poderão sempre ser postas em causa e poderá tornar-se possível o planeamento participativo num contexto como o de Luanda, através de esforços para se desenvolverem novas contextualizações da vida urbana.

¹A investigação que serviu de base a este artigo foi tornada possível graças ao apoio generoso da Wenner-Gren Foundation Dissertation Fieldwork Grant, o National Science Foundation Doctoral Dissertation Improvement Grant, o Social Science Research Council's International Dissertation Research Fellowship, com fundos disponibilizados pela Andrew Mellon Foundation, University of Chicago Human Rights Program, e a University of Chicago Graduate Aid Initiative.

Bibliografia:

CHATTERJEE, Partha. 2004. *The Politics of the Governed: Reflections on Popular Politics in Most of the World*. New York: Columbia University Press.

CALDEIRA, Teresa. 2000. *City of Walls: Segregation, and Citizenship in São Paulo*.

Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

Chicala 2011

Workshop de Arquitectura Social
8-16 Agosto

☒ Habitação ☐ Comércio ☐ Equipamento

Número de habitantes: 87

☒ <18 ☒ 18-30 ☒ 31-50 ☐ >51

Electricidade: ☐ Gerador ☒ Contador

Água: ☐ Canalizada ☒ Depósito ☐ Tanque

Mercado mais frequente: Pracinha

Religião: Universal R. Deus

Zona nº 2 Grupo nº 2 Casa nº 2

Residentes na Chicala desde: 1998

Residentes em Luanda desde: 1992

Zonas onde trabalham/estudam: Comaglene
- Mutambo

Transporte: ☐ privado ☒ público ☒ pé

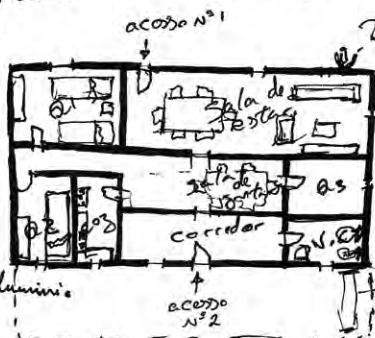
Região de origem: Benguela / Labito

Sugestões para melhoria do bairro/casa:
- Requalificação da rua

Q1 - Quarto das meninas

Q2 - Quarto do filho + velhos

Q3 - Quarto da casal



- Janela em casilho de alumínio grades de vidro
- Paredes em bloco cimento revestidas em argamassa de areia e cimento pintadas com tinta plastica de cor rosa.
- Cobertura em chapas de fibro-cimento
- Pavimento de tábua com partimentos em argamassa afagada



Chicala 2011

Workshop de Arquitectura Social
8-16 Agosto

☒ Habitação ☐ Comércio ☐ Equipamento

Número de habitantes: 6

☒ <18 ☒ 18-30 ☒ 31-50 ☐ >51

Electricidade: ☐ Gerador ☒ Contador

Água: ☐ Canalizada ☐ Depósito ☒ Tanque

Mercado mais frequente: *Pracinha*

Religião: *Católica*

Zona nº 2 Grupo nº 2 Casa nº 3

Residentes na Chicala desde: 1998.

Residentes em Luanda desde: 1972

Zonas onde trabalham/estudam: *Samba*

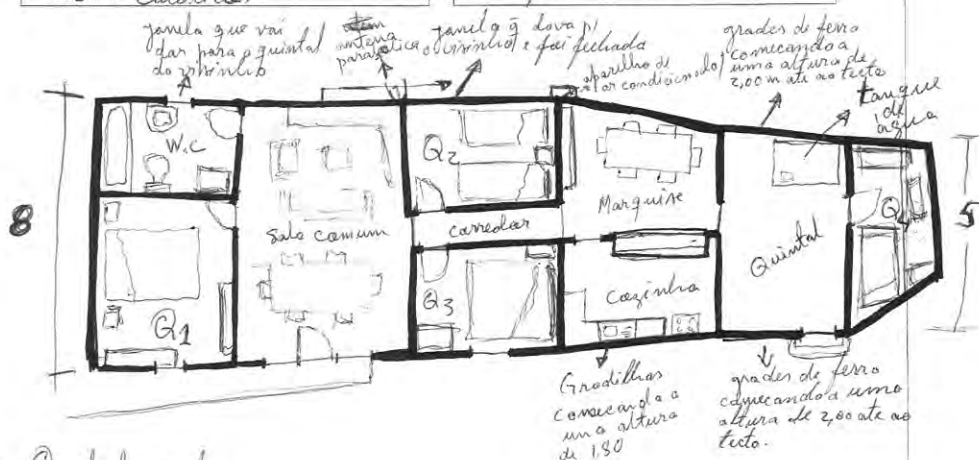
Transporte: ☒ privado ☐ público ☐ pé

Região de origem: *Huambo*

Sugestões para melhoria do bairro/casa:

Bairro: *Construção de um centro médico local*

Casa: *Construção de um local para abrir um restaurante*



Q1 - Quarto do casal

Q2 - Quarto das meninas

Q3 - Quarto das meninas

Q4 - Quarto do tio (pai do pai)

- Paredes em blocos de cimento revestida com argamassa de argo e cimento

- janelas em esquadria de alumínio e gradiente de ferro no exterior.

- Portas exteriores em capotinho de madeira (todas alusofadadas) e as portas interiores em esquadria de ferro.

- o pavimento da sala, do Q1, Q4 e W.C. em mosaico cerâmico e os demais compartimentos em argamassa afazada.

- cobertura em chapas endurecidas de fibra cimento.
- a cobertura da marquise em chapas lameladas de zinco.

Objects of improvement:

Thoughts on a “bottom-up” planning exercise in Luanda, Angola¹

CLAUDIA GASTROW

What are the difficulties facing participatory planning in a setting in which urban interventions have historically been experienced as impositions on the population? This was the question that circled in my mind as I accompanied Angolan students on their excursion to Chicala 2. My own research is on housing and citizenship in Luanda, and I was hoping to develop an idea of how architects in the making perceived Luanda's musseque areas. As many studies have noted, contemporary urban redevelopment initiatives often tend to reshape cities according to a vision of the urban that, while attractive to foreign investment, leads to the greater marginalization of the poor (Caldeira 2000, Chatterjee 2004). The exercise in Chicala had precisely the opposite aim. It was trying to promote development from the “bottom-up”. Nevertheless, I argue, residents' historical experience of development projects made extricating the activities of the students from the larger politicized context of urban development particularly difficult.

During Luanda's now almost decade-long post-conflict building boom, large-scale, top-down urban development and housing projects have typified the development of the city. These have rapidly altered Luanda's size and topography, with particularly pernicious results for the poor, many of whom have been victims of demolitions and forced removals. Students involved in the fieldtrip were very aware of this, with a number of them telling me that the exercise in Chicala was a special one because it involved contact with the actual people of the neighbourhood. Most projects in Angola, they explained, were imposed on people. The students seemed to sincerely want to be involved in a more “people-friendly” and potentially “poor-friendly” approach to urban planning. However, as much as the students might have wanted to distance themselves from the connotations of the controversial urban redevelopment of Luanda, the expert-layman divisions on which urban interventions are almost necessarily based partially worked against this.

As with many other post-colonial cities, urban patterns in Luanda still mimic the divisions of the colonial period. The difference between “*cidade*” and “*musseque*”, while not necessarily hard and fast in reality, is a continuing presence in residents’ apprehension of the city. This boundary maps on not merely to a geographical divide, but to perceived differences in lifestyles, social status, and everyday practices. For some students on the excursion this was one of their few forays into *musseque* life. The exercise therefore provided a valuable opportunity for them to better understand the city they live in, but also underlined their separation from the world which they were encountering. As they walked through the neighbourhood taking photographs, their position as strangers from the *cidade* coming in to assess the situation was only too clear to residents. Given this, how were students’ perceived? Unfortunately, I did not have the opportunity to interview residents about their experiences; however, a brief discussion of the difficulties faced by the students provides some hints.

Students were given the task of breaking into groups and mapping various sections of Chicala. This included, amongst other things, going door to door and finding out what a particular structure was used for (residential, commercial, etc.), how many people lived in a house, how they were employed, and what they

thought could be done to improve the neighbourhood. In any context individuals would probably have a certain hesitancy to respond to questions posed at them at their front door by a stranger. However, this reluctance is amplified in contemporary Luanda where urban housing demolitions, when not completely without warning, are often first marked by rapid neighbourhood visits in which houses are numbered and quick (often faulty) surveys are undertaken of the residents.

As students returned from their tasks many complained that they had had difficulty completing the survey forms because residents were suspicious of why they were being interviewed. Some openly asked students if the survey was linked in any way to future demolitions in the area. The point being that for the residents, at least at the initial stages of the project, there seemed to be little difference between top-down governmental interventions and the students’ methods of engaging the population. The reason behind this, as I have hinted, is because the very structure and methods of information collection (surveys by strangers) mimics actions most associated with state interventions. For the objects of these interventions there seemed to be little difference between state agents and students.

Given the difficulties of disassociating themselves from governmental practices, the challenge for members of the project is to think of ways to engage with residents that are not built upon the classic divides through which interventionist actions have thus far been based: expert-layman, wealthy-poor, city-musseques. This is obviously a tall order as these problems are not specific to Luanda, but perhaps of urban planning more generally. However, without this, the possibility of engaging people in conversations about the development of their own

neighbourhoods is limited. In the context of Luanda, conceivably the first step is to reject the dichotomies on which the expert gaze is based, and study Chicala not as a musseque, but as a neighbourhood. While social representations cannot be single handedly destroyed (nor is their dismissal necessarily desirable), they can be grappled with, and it is perhaps by trying to arrive at new framings of urban life that participatory planning in a context such as Luanda's can be made possible.

¹The research supporting this article was made possible by the generous support of the Wenner-Gren Foundation Dissertation Fieldwork Grant, the National Science Foundation Doctoral Dissertation Improvement Grant, the Social Science Research Council's International Dissertation Research Fellowship, with funds provided by the Andrew Mellon Foundation, the University of Chicago Human Rights Program, and the University of Chicago Graduate Aid Initiative.

Bibliography:

CHATTERJEE, Partha. 2004. *The Politics of the Governed: Reflections on Popular Politics in Most of the World*. New York: Columbia University Press.

CALDEIRA, Teresa. 2000. *City of Walls: Segregation, and Citizenship in São Paulo*.

Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

Opiniões e postura perante Realidades¹

ISABEL MARTINS

1. Introdução e boas-vindas

Estão todos de parabéns e nós também, sobretudo pela presença do Arq. Paulo Moreira da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto com quem tenho ligações de há muitos anos.² É também a minha Faculdade, aí fiz o meu Doutoramento e aí fiz amigos, muitos amigos, de quem me lembro sempre com muita saudade. Portanto, estamos todos de parabéns. [palmas]

Neste encontro de arquitecturas, podemos chamar-lhe assim, queria também agradecer publicamente a presença do Sr Administrador da Chicala, Sr Elias, e a forma como acolheu os nossos estudantes da Universidade Agostinho Neto [UAN] e Universidade Lusíada [ULA] e finalmente o prazer que foi trabalhar com ele. Realmente, assim é que devem ser as relações de trabalho entre instituições de níveis diferentes. O senhor é uma instituição, nós somos uma instituição, e isto mostra que realmente os objectivos podem ser comuns. Então, em nome da Universidade Agostinho Neto queria agradecer-lhe toda a amabilidade.

Aos colegas, é um prazer vê-los e revê-los, aqueles que costumo ver.

Aos meus queridos estudantes, parabéns pelo trabalho que fizeram e pelo bom nome que deram à Universidade Agostinho Neto.

2. A investigação

Este trabalho foi muito importante para nós e para os estudantes por duas razões: a primeira porque conseguimos juntar duas instituições distintas num único objectivo e a outra porque sensibilizamos os estudantes e levamo-los a viver a realidade da comunidade da Chicala e a apresentarem soluções para os problemas reais da comunidade.

Este Workshop pretendeu e conseguiu mostrar que a qualidade de vida pode ser melhorada com pequenas intervenções e estou plenamente de acordo com a filosofia deste projecto, desta pequena mostra.

Não sei o que é que vai acontecer a essas populações que vivem hoje na Chicala, objecto de Requalificação Urbana. Será contemplada? Como? A maior parte da população está ali porque veio fugida de uma guerra civil, encontrou um porto de abrigo... e depois o que vai acontecer?

É preciso ter cuidado com as novas urbanizações. Exactamente porque não estamos a tratar com coisas, estamos a tratar com pessoas, com homens, e esses homens têm que ter um porto seguro. Um porto seguro que não é bom, nem pouco mais ou menos, mas que pode ser melhorado.

Eu tive na minha vida como estudante um exemplo me marcou, que nunca esqueço e que relembro com os alunos. A construção de um aldeamento para os agricultores, em Porto Quipiri, encomendado para albergar agricultores. O aldeamento foi entregue, mas realmente não tinha nada a ver com as pessoas que iam para lá morar, que são homens, mulheres, crianças, que têm formas de apropriação do espaço completamente distintas das da cidade. As casas não tinham sequer um pequeno quintal, onde se pudesse ter uma couve, uma hortalça, um porco ou uma galinha. Entretanto tinham mobiliário urbano muito interessante, bons arruamentos, uns largos, uma escola, etc. O que acontece um ano depois de instalada a população? O lugar que encontramos era completamente diferente, não tinha nada a ver com o assentamento, porque os pequenos muros das casas foram abaixo, as ruas foram atravessadas por cordas para estender a roupa... Porque é que isto aconteceu? Porque nada disto foi previsto e porque não se teve em conta a forma como essas pessoas usam o espaço. É preciso saber construir para as pessoas que vão realmente viver nesses lugares. E por isso eu tenho muito medo...

A Chicala já existia antes da independência, era um lugar onde viviam pescadores. Hoje em dia é um lugar de todos os angolanos. Somos capazes de encontrar algum angolano do Cuando Cubando, ou do Moxico, do Cunene... Portanto, esta minha intervenção é para dizer cuidado com as novas propostas. Não podemos atropelar os homens; temos que ser sensíveis a essas comunidades.

As pequenas intervenções realizadas neste workshop suscitaram em alguns estudantes uma sensibilidade fantástica, uma receptividade inesperada que até nos fazem chorar. Querem fazer e acontecer!

Da minha parte, naquilo que estiver ao meu alcance, terão todo o apoio em realmente fazer pequenas propostas que possam melhorar a vida das pessoas que lá estão. Orgulho-me dos meus estudantes que souberam ler nas entrelinhas e propor na medida equilibrada.

Renovo os meus agradecimentos ao Sr. Elias que tornou possível o contacto harmonioso, mas sobretudo ao Arq. Paulo Moreira que soube organizar e rentabilizar o colectivo de estudantes. Bem hajam pela vossa generosidade.

¹Transcrição da intervenção na sessão de encerramento do Workshop de Arquitectura Social. Luanda, 16 de Agosto de 2011, anfiteatro do Departamento de Arquitectura da Universidade Agostinho Neto

²Nota do editor: Paulo Moreira licenciou-se pela FAUP em 2005 e é desde 2010 estudante de Doutoramento na London Metropolitan University. O "Workshop de Arquitectura Social" foi organizado no âmbito dessa investigação.

Opinions and attitude towards Realities¹

ISABEL MARTINS

1. Introduction and welcome

You all deserve congratulations, as do we, not least for having with us here today Paulo Moreira from Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto with whom I have been acquainted for many years.² I count his college as my own, having completed my PhD there and made many friends whom I recall, fondly. So, as I was saying, we all deserve congratulations. [applause]

At this – what we might call – gathering of architectures, I would like also to publicly thank Mr. Elias, the Administrator of Chicala, for his presence here today, for the manner in which he welcomed our students from Universidade Agostinho Neto [UAN] and Universidade Lusíada [ULA] and for the pleasure which it has been to work with him. This has been, without a doubt, an example of how work relations between institutions at different levels should be carried out. You are an institution, we are an institution, and this all goes to show how objectives can be well and truly shared. On behalf of Universidade Agostinho Neto I would like to thank you for all your kindness. To my colleagues, at least those of you whom I am more accustomed to seeing, it is a pleasure to see you again. To my dear students, congratulations for the work you have accomplished and for your

contribution to the good name of Universidade Agostinho Neto.

2. The research

This Project has been important both for our students and ourselves, for two reasons: first, because we have managed to bring together two distinct institutions under a common objective and, secondly, because we have sensitized the students, offering them an opportunity to experience the reality of the Chicala community and develop solutions to the real problems they have witnessed.

This workshop aimed, and managed, to show that small-scale interventions can improve quality of life and I find myself in complete accordance with its philosophy.

I can't determine what will happen to the populations currently living in Chicala, earmarked as it is for Urban Requalification. Will they be taken into account? How? Most of them arrived in Chicala as civil war refugees, having found safe harbour therein... but what comes next?

Care must be taken with new urbanizations. Specifically because we are not dealing with objects, we are dealing with people, with men, and those men must have their safe harbour; even if it is a safe harbour which is far from adequate, albeit with room for improvement.

I had an experience during my student life which left its mark on me in a way that I will never forget and often share with my students: the construction of a village for farmers, in Porto Quipiri, commissioned to harbour farm workers. The village was erected but, in all truth, had very little to do with the people whom it was meant for. Those men, women and children had an approach to appropriating space entirely distinct from that of city dwellers. Although the settlement was equipped with some interesting urban furniture, good roads, several squares, a school and so on, the houses were totally lacking in areas in which to plant vegetables or rear pigs and poultry. A year on from the population's introduction, what did we find? The place was completely transformed, it had very little to do with the original settlement. The small walls surrounding the houses had been torn down; roads were crossed by clothes lines... Why did this come about? None of this was predicted because no thought was given to the ways in which those people used space. It is important to build with the people who are actually going to occupy the place in mind. And that is why I am very afraid.

Chicala pre-dates independence, it was a place where fisherman lived. Today it is a land of all Angolans. In Chicala we might just as easily find Angolans from Cuando Cubando, from Moxico or Cunene... So this intervention of mine serves basically to advise caution in the development of new proposals. We mustn't bowl people over; we must be sensitive to these communities.

The small scale interventions carried out in this Workshop brought out a fantastic sensitivity in several of our students, an unexpected receptivity which truly moved us. A desire to create and put into practice!

You can rest assured that I will do anything in my power to support your development of small-scale proposals which might improve the lives of those residents. I am proud of those students who were able to read between the lines and propose in the right measure.

I reiterate my thanks to Mr. Elias who made possible our harmonious collaboration and my special thanks to Paulo Moreira who expertly organized and made the most of this student collective. I praise you for your generosity.

¹ Transcription of an intervention at the closing session of The Social Architecture Workshop. Luanda, 16th August 2011, Department of Architecture Amphitheatre at Universidade Agostinho Neto

² Editor's note: Paulo Moreira graduated from FAUP in 2005 and has been a PhD student at London Metropolitan University since 2010. The Workshop in Social Architecture has been organized within the scope of the research he is currently conducting.



EXPOSIÇÃO DISPLAY

A black and white photograph showing a person from the waist down, wearing a floral-patterned long-sleeved shirt and dark jeans. They are holding a white sheet of paper with both hands. To their left, a table is covered with a dark, patterned cloth featuring circular motifs. On the table, there is a large, neat stack of white papers or brochures. The background is slightly out of focus, showing more of the table and the person's legs. The text 'EXPOSIÇÃO DISPLAY' is printed in a bold, white, sans-serif font in the upper left corner of the image.

O musseque visto por dentro¹

PAULO MOREIRA ENTREVISTADO POR ANA PAULA GOMES

Um arquiteto português está a fazer um Doutoramento em Inglaterra sobre a evolução da cidade de Luanda desde a independência. Paulo Moreira está sobretudo interessado nos bairros informais, auto-construídos, os bairros conhecidos por musseques. Mostra atualmente alguns dos resultados deste projeto numa exposição no Porto e vai editar uma publicação relacionada. Vamos começar por saber o que pretende com o seu projeto de Doutoramento.

Espero analisar como é que a cidade de Luanda foi sendo transformada desde a independência até hoje, como é que estão organizados os bairros auto-construídos, que se costumam chamar 'informais', os musseques. Em particular, tenho um caso de estudo, o bairro da Chicala, porque julgo que conhecer um caso mais aprofundadamente permite perceber de que maneira é que o bairro funciona na totalidade do ciclo do dia, do ano, etc. E, eventualmente, poderemos tirar algumas conclusões em relação a este tipo de comunidades, num sentido mais geral.

E qual é a metodologia que um estudante de Doutoramento utiliza para estudar estes bairros?

Para além dum processo feito à distância (leituras em bibliotecas, entrevistas recolhendo testemunhos de profissionais que estão a trabalhar nestes contextos, estudo de projetos), há uma parte também muito importante que é o trabalho de campo. Tenho desenvolvido algum trabalho de campo em períodos de um mês: estive lá um mês no ano passado e um mês neste ano, e durante esses períodos, a experiência vivida assume um papel muito importante.

Em termos de metodologia, o trabalho consiste em vários fatores. Um deles é morar no bairro que estou a estudar. Obviamente que estou lá como observador, digamos assim, mas um observador que experimenta os hábitos e costumes locais, vive com uma família local, vive a totalidade do ciclo do dia, ou seja, desde manhã quando as orações são feitas, antes de começar o dia de trabalho ou de estudo, até à noite, ao fim-de-semana, etc. 24 horas por dia. Esta parte de viver no lugar que estou a estudar é importante também para ganhar relações de confiança com os próprios habitantes.

Nesta segunda visita de estudo, para além dessa experiência vivida, também consegui integrar os cursos de duas Faculdades de Arquitectura em Luanda, da Universidade Agostinho Neto e Universidade Lusíada, num workshop que se chamou “Workshop de Arquitectura Social”, onde cerca de 70-75 estudantes estiveram comigo a trabalhar no campo, fazendo inquéritos, levantamentos... e propondo pequenas intervenções que melhorassem o funcionamento do bairro.

O trabalho destes estudantes, efectuado em Agosto, no âmbito do Workshop de Arquitectura Social: Chicala 2011, permitiu ir mais longe e ter já uma noção relativamente detalhada de alguns aspetos da vida no bairro e do papel da habitação no quotidiano dos seus habitantes.

É interessante ver quais são os pontos comuns no ‘desenho’ de cada casa. Estamos a falar de casas que foram sendo construídas e alteradas ao longo do tempo. Mas há sempre elementos comuns, por exemplo, o facto de terem comércio ligado à rua, de estarem organizadas em torno de um quintal, onde grande parte da vida coletiva acontece - e à volta do qual às vezes diversas casas se agregam. Portanto, é esse trabalho que eu agora estou a analisar e a interpretar. Fizemos mais de 200 inquéritos e de facto há uma quantidade de trabalho muito grande, que só foi possível graças ao apoio das Faculdades de Arquitectura locais.

O trabalho prossegue à distância, esse trabalho de análise, mas o regresso ao terreno está planeado. Estou a preparar uma viagem no próximo ano, onde há ainda o interesse das Faculdades, porque de facto o trabalho foi bem recebido, acho que toda a gente ficou satisfeita com isto. A nossa intenção na minha próxima viagem é passar para esse segundo passo, tornar este arquivo acessível. Um dia que o bairro seja transformado, ou desapareça - porque está previsto um projeto para aqueles terrenos - espera-se que fique uma memória, um documento, um registo da história daquele lugar.

Paulo Moreira vê na Chicala, que não tendo embora muitas das infraestruturas que são necessárias, responde em certos aspetos ao que são as necessidades e hábitos das pessoas e não acha que demolir o que está feito para substituir por uma tipologia pré-definida à distância, seja a resposta.

Eu acho que não é a melhor solução, e há casos noutros continentes até, que provam que aquilo que a cidade tem a ganhar e a perder com a demolição dos bairros informais... muitas vezes, pesando os dois lados da balança, chega-se à conclusão que ter um grande número de população da classe média-baixa, classe trabalhadora, perto dos centros das cidades só beneficia a economia, o funcionamento da cidade... E deslocar toda essa massa de gente para as periferias, deixando o centro da cidade só para as classes

mais ricas, acho que não tem assim tantas vantagens como se possa pensar. É nesse sentido que eu acho que esses dois lados deviam estar mais integrados, porque tudo isso no fundo forma a cidade. A cidade é feita de diversidade, não é? Não se pode pensar em transformar uma cidade fazendo aquilo que é quase anti-cidade, que são os condomínios fechados, que não têm relação com vizinhanças, ruas, comércio... As cidades são feitas dessa diversidade de programas.

Aquilo que estou aqui a mostrar na exposição no Porto é exatamente isso, há muitas semelhanças entre a cidade tradicional europeia, os centros históricos que hoje-em-dia são património da humanidade... Há muitas semelhanças em relação a estes bairros informais, só que pela proximidade no tempo, ainda não nos apercebemos disso.

Falemos então dessa exposição que mostra, no Porto, um pouco da Chicala.

A ideia desta exposição foi mostrar o trabalho que está a decorrer. Portanto, é um processo... adaptado ao contexto onde a exposição é mostrada. Trata-se de uma galeria no centro do Porto chamada Uma Certa Falta de Coerência, e o próprio espaço faz parte da exposição. Conduzi esta exposição de maneira a que não fosse só chegar e ver a galeria como um espaço convencional, de paredes brancas, digamos, onde iria mostrar aquilo que estou a fazer num contexto

completamente diferente. Em vez disso, resolvi integrar esse local, que ainda por cima se situa no país que anteriormente colonizou Angola...

O que também ajudou a acentuar esta relação foi o facto da própria senhoria da galeria, a senhora que mora por cima, na mesma casa, é ela própria uma retornada de Angola. Veio para Portugal em 1975. Parti numa entrevista com ela, onde falou sobre as condições de vida que tinha lá e as condições que encontrou cá... Relacionei essa casa com a vizinhança próxima, e fiz o mesmo com uma ou duas casas que estou a estudar, no bairro da Chicala, e é engraçado que em ambos os casos há esta situação da casa ter um lado público, coletivo, de ligação à rua, onde normalmente a família aproveita para fazer algum comércio. Esta galeria anteriormente foi uma loja e antes disso um tasco/ restaurante – e é isso que acontece em muitos desses bairros que tenho estado a estudar em Angola. Portanto, há esta questão dos espaços coletivos ligados à rua, estendendo-a até ao interior das casas e depois aí transformar-se em espaços domésticos, familiares.

A exposição pode ver-se até 2 de Janeiro, mas uma publicação vai permitir tomar contacto com o trabalho.

Não é só um documento da exposição como performance, com fotografias sobre os trabalhos expostos, mas sim uma oportunidade para falar sobre estas temáticas. A publicação vai ter contribuições das pessoas que colaboraram no trabalho de campo que tenho feito em Angola. Vai ter textos da arquiteta Isabel Martins, que é a directora do Departamento de Arquitectura da Universidade Agostinho Neto; da arquiteta Ângela Mingas, que é a directora da Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusíada; do arquiteto Allan Cain, que é director da DW; e mais alguns investigadores que acompanharam o trabalho lá, na passada viagem de estudo.

Com tanta gente em Portugal neste momento, e pelas mais variadas razões, tendo algum tipo de ligações a Angola (umas vezes a ligação é do passado, outras vezes do presente, outras até de expectativas em relação a um futuro próximo), este poderá ser um projeto que chama a atenção.

Espero que sim! E para esse grande número de pessoas que tem muito interesse em Angola, quer por trabalhar ou por ter conhecidos ou familiares que trabalham lá, mesmo assim ainda há um grande desconhecimento em relação aos bairros onde tenho estado a trabalhar. Portanto, julgo que esta será uma oportunidade para dar a conhecer esse tipo de contextos. Mesmo entre alguns portugueses que conheci em Angola, também há um grande desconhecimento, desconfiança até, sobre este tipo de lugares.

¹Entrevista integrada no programa de rádio Científica Mente, RDP-África. Difundida nos dias 10, 12 e 14 de Dezembro de 2011.

The musseque seen from inside¹

PAULO MOREIRA INTERVIEWED BY ANA PAULA GOMES

A Portuguese architect is undertaking a PhD in England, based on the city of Luanda's evolution since independence. Paulo Moreira is above all interested in its self-built informal neighbourhoods, known as musseques. He's currently displaying some of the project's results in Porto and will be publishing a volume on these issues. Let's start by getting to know what you're aiming for with your PhD project.

I hope to analyse how the city of Luanda has been transformed from independence onward, as well as understand the organization of its self-built neighbourhoods, which are usually called *musseques*. I've chosen one particular *musseque*, Chicala, as a case study, believing, as I do, that developing a deeper understanding of a particular case might afford some insight into how the neighbourhood functions throughout its daily or yearly cycles. We might eventually reach some more general conclusions regarding these types of communities.

What methodology might a PhD student employ to study these neighbourhoods?

Aside from those processes developed at a distance (library research, interviews, some study of earlier projects and garnering accounts from professionals already working in the context of my thesis), there's the field work itself, an essential part of the project. I've been carrying out field work over one month periods: So I've spent a month there both this year and last, and the first hand experiences I've had during these periods have been of enormous significance.

In methodological terms, the work consists of several parts. One of them is to live in the neighbourhood I'm studying. I'm obviously there as what you might call an observer, but as a privileged observer experiencing local customs and habits, living with a local family, going through entire daily cycles from early morning prayers, before the work or school day begins, to night time and also weekends and so on. 24 hours a day. This opportunity to live in the place I'm studying is also important in terms of earning the inhabitant's trust.

On this second visit, besides this living experience, I've been able to involve two Luandan architecture schools, from Universidade Agostinho Neto and Universidade Lusíada, in a workshop entitled "Workshop for Social Architecture", through which

70 to 75 students collaborated in my fieldwork, surveying the population and the land... and proposing small scale interventions to improve the community.

The work carried out during August by these students, within the scope of The Workshop for Social Architecture: Chicala 2011, was a significant step forward in according some relatively detailed notions of certain aspects of life in the neighbourhood and the role of housing in the day-to-day of its inhabitants.

Uncovering common elements in the houses' "design" has been interesting. We're dealing with houses which have been constructed and altered over the course of several years. But there are always common aspects; for example, houses having a commercial module facing the street or houses being organised around a courtyard where most of communal life takes place – and around which sometimes several houses are clustered. So that's the work I'm currently striving to analyse and interpret. We've completed over 200 surveys, so a significant amount of work has been carried out and this has only been made possible thanks to the support offered by these two universities.

The work, this analysis, progresses at a distance, but a return to the field is on the cards. I'm busy preparing next year's trip, during which these colleges will probably continue play a role, because the work was really

quite well received and I believe it left all those involved quite satisfied. So my aim is to return and arrange all this research into a Chicala neighbourhood archive, of sorts, which we hope to make available to the population at large. So if the community is someday transformed, or disappears – there's a project for the land in the works – it's hoped this memory will remain; a document, a register of the place's history.

You've noted that Chicala, although lacking in many necessary infrastructures, does cater to certain aspects of its inhabitant's habits and needs and that demolishing the existent lot to substitute it with a typology predefined at a distance might not be the best answer.

I believe it might not be the best solution and there are examples, even on other continents, proving that what cities stand to win and lose with the demolition of informal neighbourhoods... well, if we take into account both sides of the issue, often enough we might conclude that a significant expression of lower-middle class – working class – people, in close proximity to a city's centre can actually only benefit the city's functionality and economy... And displacing this entire mass of people to a city's outskirts, leaving the centre to the rich, might not have as many advantages as one might think. It's in that sense that I believe that these two sides should be better integrated because, at its very core, this is what a city's made of. A city is made of

sense to envisage transforming a city by turning it into an almost anti-city, of closed gate communities with no relation to their neighbours, to the streets, to local business... cities are composed of this diversity of programs.

What I'm attempting to show at the exhibition in Porto is precisely that there are many similarities between the traditional European cities, those historical centres today considered world heritage... they've many similarities with these informal neighbourhoods, which we often don't realise given our temporal proximity to the latter.

Let's talk more about this exhibition which is showing Porto a little of Chicala.

The idea behind this exhibition was to share the work currently underway. So it's a process... adapted to the context where the show is being held. It's a gallery in Porto's city centre called A Certain Lack of Coherence, and the exhibitory rooms themselves stand as an integral part of the show. I've set out the display in such a way that it becomes about more than visitors just approaching the gallery as a conventional, white walled room, where I'd be showing what I'm doing in a completely disparate context. Instead of this, I've opted to make the rooms an integral part of this exhibition, located in the country which once colonized Angola...

Another fact which helped highlight this relation between countries is that the gallery's landlady, the lady who lives above it in the very same house, is herself a returnee from Angola, having arrived Portugal in 1975. Based on an interview she's given, in which she describes her living conditions in Angola and those she encountered upon arriving from Angola, I've attempted to relate her house with its neighbouring constructions in much the same way that I've done with a couple of houses I've been studying in the Chicala neighbourhood and, interestingly enough, in both cases there's this concept of houses having a public, collective element, a connection to the street which the family normally leverages in order to take in some business. This gallery was once a shop and before that a tavern/restaurant – and that's the case in many of the neighbourhoods I've been studying in Angola. So there's this aspect of collective habitats connected to the street, extending it toward the dwelling's familiar, domestic, interior.

The exhibition will be open up to January 2nd, but some contact with the work will endure in the form of a publication.

It doesn't just document the exhibition as a performance, with pictures of the work exposed, but stands as an opportunity for these themes to be discussed. The publication will include contributions from people who've collaborated in the fieldwork I've carried out in Angola. It'll have texts by Isabel Martins, Director of the School of Architecture at Universidade Agostinho Neto, from Ângela Mingas, Director of the School of Architecture at Universidade Lusíada, from Allan Cain, director of DW; as well as from other investigators who've followed the work in Angola on previous field trips.

With so many people in Portugal having some form of connection to Angola at the moment, and for so many reasons (some with connections to the past, others with the present, and yet others with expectations of future connections), this might be a project that'll attract some attention.

I hope so! And even amongst the significant number of people who have a reasonable interest in Angola, be it from working there or having friends or relatives who work there, we might find a remarkable lack of knowledge regarding the neighbourhoods where I've been working. Even amongst some of the Portuguese I met in Angola there's a great amount of ignorance, of mistrust, of this type of places.

¹This interview was an integral part of the Científica Mente radio show, on RDP-África. Broadcast on the 10th, 12th and 14th December, 2011.

O musseque angolano nas paredes da galeria¹

LUÍS OCTÁVIO COSTA

“Uma Certa Falta de Coerência” é uma galeria no número 77 da Rua dos Caldeireiros, no coração do Porto. A exposição “Angola não é um país pequeno” esventrou o espaço da galeria, descobrindo um pouco de África dentro das suas paredes.

Paulo Moreira, arquitecto licenciado pela Universidade do Porto e estudante de doutoramento na London Metropolitan University, dedicou os últimos anos a estudar os musseques — os chamados bairros informais — de Luanda. Trabalhou com 70 alunos de duas faculdades de Arquitectura (Agostinho Neto e Lusíada) e registou a evolução (desde a independência) da Chicala, o musseque mais central de Luanda, um bairro condenado à demolição.

“Fizemos sugestões de melhorias no bairro, que muitas pessoas não querem abandonar. E aproveitamos para criar uma espécie de memória para o futuro”, explicou ao P3 Paulo Moreira, cuja investigação foi premiada com o Noel Hill Travel Award, atribuído pelo American Institute of Architects - UK Chapter, e o Prize for Social Entrepreneurship, da London Metropolitan. “O sítio tem

problemas, mas não se pode culpar a tipologia a as especificidades das casas. Quer seja a Chicala quer seja o Aleixo. É limitativo. O problema não são as casas”, argumenta o arquitecto, que durante dois meses viveu na Chicala e que não é apologista da teoria “demolir para construir uma tipologia definida à distância”

Voltou ao Porto carregado. Aos relatórios, esboços e inquéritos juntou uma série de objectos característicos da improvisada arquitectura do musseque (como os sacos de 150kg de trigo e as caricas usadas como anilhas dos pregos) e arrumou tudo no número 77 da Rua dos Caldeireiros, onde começa o segundo capítulo desta história.

Em 1975, o espaço onde está agora a galeria “Uma Certa Falta de Coerência” era a Adega 77, pertença da Dona Teresa, retornada de Angola, que se tornou numa das protagonistas da exposição. Paulo Moreira rasgou algumas paredes e destapou memórias. “É a minha vida que aparece em todos os pedaços de parede”, confessa a senhoria do espaço “Uma Certa Falta de Coerência”

¹Texto publicado originalmente no P3, suplemento online do Público. Segunda-feira, 19 de Dezembro de 2011.

The Angolan musseque on a gallery's walls¹

LUÍS OCTÁVIO COSTA

"A Certain Lack of Coherence" is a gallery at 77, Rua dos Caldeireiros, in the heart of Porto. The "Angola is not a small country" exhibition has gutted the gallery space, uncovering echoes of Africa within its walls.

Paulo Moreira, a graduate from Porto University and a doctoral student at the London Metropolitan University, has dedicated the past few years to studying the *musseques* – the so-called informal neighbourhoods – of Luanda. He recently collaborated with 70 students from two Schools of Architecture in Luanda (Agostinho Neto and Lusíada) and has been busy tracing the post-independence evolution of Chicala, Luanda's most central *musseque* and a earmarked for demolition.

"We've offered suggestions for improvements to this neighbourhood, which many people are reluctant to leave, and moved to create a sort of memory for the future" explains Paulo Moreira whose investigations have been awarded the Noel Hill Travel Award, attributed by the American Institute of Architects - UK Chapter, as well as London Metropolitan's Prize for Social Entrepreneurship.

"The area clearly has problems, but houses' types and specificities shouldn't be blamed, whether we are dealing with Aleixo or Chicala.² Such approaches are short-sighted", argues the architect, who resided in Chicala for two months and is opposed to any theory entailing "demolishing so as to construct houses defined at a distance".

Paulo returned to Porto with a heavy load. To his reports, sketches and surveys he added a number of objects characteristic of the *musseques'* improvised architecture (such as 150Kg flour sacks and bottle tops used as washers) all of which he's stashed at 77, Rua dos Caldeireiros, where the second chapter of this story begins.

Back in 1975, the rooms where "A Certain Lack of Coherence" gallery can currently be found was still Adega 77, a tavern belonging to Dona Teresa, herself a returnee from Angola, who has become one the exhibition's protagonists. Paulo Moreira has torn into some of the walls, uncovering memories in the process. "My life shows through every fragment of wall", confesses the landlady of "A Certain Lack of Coherence".

¹ Originally published in P3, a Público online supplement. Monday, 19th December, 2011

² T.N.: Aleixo is a housing estate in Porto notorious for its drug trafficking, partially demolished on the 16th December 2011.

“Angola é Nossa”

Notas sobre o mapa de Paulo Moreira¹

NUNO COELHO

Naquele Império, a Arte da Cartografia logrou tal perfeição que o mapa de uma única província ocupava toda uma cidade, e o mapa do império, toda uma província.

Jorge Luís Borges,
“Do rigor na ciência”

Uma bandeira, um hino nacional e uma moeda, são três elementos que nos ajudam a definir uma Nação. Para além disso, os limites geográficos, quer sejam fronteiras ou linhas costeiras, delimitam uma linha de contorno cuja forma podemos relacionar com um determinado país. Os inúmeros territórios existentes no mundo podem ser identificados, portanto, pela sua forma geométrica da qual apenas temos percepção através do recurso a mapas. Por esta razão, o poder representativo dos mapas, exerce – sempre exerceu – um importante e primordial papel na questão do domínio territorial.

Mais de quatro séculos depois das primeiras conquistas europeias no norte de África, em finais de 1884 e inícios de 1885 desenhou-se (de uma forma literal) uma nova ordem para o continente. Várias potências europeias reuniram-se naquela que ficou conhecida como a Conferência de Berlim a fim de dividirem o continente africano, tão-somente do triplo da área da Europa, em generosos lotes para cada uma

delas. Os estadistas presentes e que acordaram os limites fronteiriços, fizeram-no sem conhecimento de como o terreno seria ou de como seriam as relações étnicas dos povos ali existentes, ou seja, o que, de facto, se encontravam a dividir. Os utensílios mais usados na construção das atuais fronteiras em África não foram, portanto, nem arames, pás ou picaretas, mas sim, lápis, régua e esquadro. Se atendermos ao atual mapa político de África, reparamos que praticamente não há um único país cujas fronteiras não incluam pelo menos uma linha extensa perfeitamente reta.

Como critério de domínio territorial, a Conferência de Berlim valorizou a ocupação efetiva em detrimento do direito histórico. Portugal, que até então dominava apenas pequenos territórios costeiros, teve de fazer importantes concessões. No rescaldo da conferência, Portugal inicia uma ronda de negociações, primeiro com a França e depois com a Alemanha, a fim de garantir um território contíguo de Angola à contra-costa. O mapa que foi anexado aos tratados, aleatoriamente pintado de cor-de-rosa, era a representação gráfica (e colorida) da política colonial portuguesa à luz da nova ordem europeia. Porém, os interesses portugueses colidiam com o projeto inglês de um território contíguo do

Cairo à Cidade do Cabo. O recuo face ao Ultimato Britânico de 1890 para que Portugal deixasse de ter pretensões na bacia do rio Zambeze (actualmente Zâmbia, Zimbabwe e Malawi), deixou um sentimento nacional profundo de humilhação. Era o fim do “sonho cor-de-rosa” que nunca tinha chegado a sair do papel. É precisamente em 1890 que Alfredo Keil compõe “A Portuguesa”, que veio mais tarde a ser adoptado como hino nacional, que na sua versão original declamava “contra os bretões marchar, marchar” .

Recuando ao preciso momento da incisão do lápis na folha de papel com o mapa de África na Conferência de Berlim, poderá afirmar-se que a linha de contorno e o enchimento a cor (uma para cada país) no mapa, estes precisos elementos gráficos, constituíram uma importante afirmação de poder resultante das aspirações e dos egos imperialistas dos vários países participantes. Portanto, podemos considerar que a afirmação de poder expressou-se, num primeiro momento, através de elementos gráficos – linha, forma, cor. O mapa resultante do congresso era, portanto, a representação gráfica do domínio – não só o domínio territorial de África pela Europa, mas também o de um povo pelo outro. Esta ordem europeia resultante da Conferência de Berlim manteve-se “no papel” desde os finais do século XIX até à vaga independentista da década de 60 do século XX, da qual as antigas colónias portuguesas não fizeram parte.

Henrique Galvão concebeu o mapa “Portugal não é um país pequeno”² para a Exposição Colonial de 1934 no Porto³, sendo ele o Comissário Geral, sobrepondo o “Império Colonial Português” sobre a Europa. A composição gráfica era tudo menos inocente e gratuita. Galvão⁴ sabia que a sua obra gráfica contribuiria para a perpetuação do mito de Portugal ser uma nação pujante e de grande relevância mundial. De acordo com o mapa, Portugal e os seus territórios ultramarinos ocupavam uma área geográfica superior à de vários países vizinhos combinados e que as suas fronteiras alcançariam a Rússia. “Portugal não é um país pequeno” é um exemplo claro de como os efeitos propagandísticos dos mapas sempre foram amplamente utilizados ao longo da História, do qual o regime salazarista não era excepção.⁵

Quase oito décadas separam o mapa de Henrique Galvão do agora criado “Angola não é um país pequeno” de Paulo Moreira. Neste período, muitas páginas foram acrescentadas à História. Angola é um país independente desde 1975, tendo passado por uma violenta guerra civil que durou 27 anos, iniciada após a guerra pela independência que durou cerca de treze. Ao todo, foram quatro décadas de conflito e ainda nem dez anos volveram desde que o país vive oficialmente em paz. Contudo, desde o final da guerra civil em 2002, Angola parece estar a passar por um momento de grande prosperidade económica não só pelo

forte investimento estrangeiro como pela abundância de alguns dos mais cobiçados recursos naturais. Para além disso, Luanda lidera a lista das cidades mais caras do mundo.⁶

Atualmente, Angola parece ser um novo (ou será antes um renovado?) “El Dorado” para os portugueses. Os portugueses partem à procura de investimentos e de projetos que em solo nacional já não encontram terreno fértil. Para além disso, a crise económica que assola presentemente a Europa e em particular Portugal, catalizou este fluxo migratório com origem no nosso país rumo à ex-colónia.

Tanto o mapa de Henrique Galvão como o de Paulo Moreira operam ao nível da percepção, tendo Angola um grande destaque em ambos. O primeiro é uma representação cartográfica de uma ilusão imperialista que sempre viu Angola como a “jóia da coroa” e que ainda conseguiu sobreviver quinze anos após a “Declaração sobre a Concessão da Independência aos Países e Povos Coloniais” (Resolução 1514 das Nações Unidas) de 1960.⁷ O segundo é um olhar crítico sobre uma situação sócio-política atual, uma provocatória representação da presente mudança de paradigma. Propositadamente, Moreira não sobrepõe o mapa de vários países europeus ao de Angola, numa simples inversão gráfica. Moreira escolhe a forma geométrica de Portugal e repete-o dez vezes dentro

dos limites geográficos angolanos (apesar de, na realidade, Angola ser 13,5 vezes maior que Portugal). Não é só a grandeza geográfica de Angola que se salienta nesta obra, mas essencialmente toda uma nova dinâmica de atração e influência que este país exerce sobre a antiga *Metrópole*. Trata-se de um irónico e inteligente exercício gráfico não só pela apropriação da obra original de Galvão, mas também pelo facto de representar eficazmente o zeitgeist.

Felizmente, hoje em dia vários autores portugueses (re)visitam regularmente a nossa História recente, produzindo obras que lançam inéditas interpretações sobre a mesma. Talvez estas obras sejam agora possíveis devido ao relativo distanciamento temporal decorrido em relação ao regime salazarista e pelo facto de haver uma geração em idade adulta já nascida depois da revolução de Abril. Nascido em 1980, Paulo Moreira produziu uma dessas obras.

¹ “Angola é nossa” era o título de uma marcha militar portuguesa muito popular durante a Guerra Colonial ou Guerra da Libertação (designação portuguesa e angolana, respectivamente, do mesmo conflito) que, estranhamente, apelidava de “invasores” aos próprios angolanos que lutavam pela sua independência. Decidi dar este título ao presente texto não só por ser uma apropriação de algo que pertence à nossa memória histórica coletiva – tal como o mapa do Paulo Moreira assim o fez – mas também por ser uma irónica provocação – tal como o entendo.

² Biblioteca Nacional Digital, “Portugal não é um País Pequeno”, Lisboa
<http://purl.pt/11440/1/index.html>

³ “Mappa Mundi” Organização de Guillaume Monsaingeon, Museu Colecção Berardo, Lisboa, 2011

⁴ Curiosamente, Galvão viria mais tarde a insurgir-se contra o regime de Salazar ao liderar em 1961 a “Operação Dulcineia”. Desiludido com o regime desde a década de 50, o dissidente assaltou e desviou o paquete Santa Maria com mais de 600 passageiros a bordo. Com intenções de rumar a Luanda, de onde supostamente coordenaria o derrube do governo, acabou por rumar ao Recife, no Brasil, onde o seu pedido de asilo político foi deferido após a operação ter fracassado.

⁵ Cairo, H. (2006). “Portugal is Not a Small Country”: Maps and Propaganda in the Salazar Regime.

⁶ Jornal Económico, “Luanda é a Cidade Mais Cara do Mundo”
http://economico.sapo.pt/noticias/luanda-e-a-cidade-mais-cara-do-mundo_122447.html

⁷ Nações Unidas, “The Declaration on the Granting of Independence to Colonial Countries and Peoples” <http://untreaty.un.org/cod/avl/ha/dicc/dicc.html>

“Angola é Nossa”

Notes on Paulo Moreira’s Map¹

NUNO COELHO

In that Empire, the Art of Cartography attained such Perfection that the map of a single Province occupied the entirety of a City, and the map of the Empire, the entirety of a Province.

Jorge Luis Borges,

“On Exactitude in Science”

A flag, a national anthem and a currency are three elements that assist us in defining a Nation. Beyond this, geographical limits, be they borders or coastlines, form the outline of the shape which we identify with a certain country. The many territories existing on earth may, therefore, be identified by their shapes, shapes which have become familiar to us through maps. For these reasons, the representative power of maps exert – have always exerted – an important and primordial role in issues of territorial control.

Between the final few months of 1884 and the first few of 1885, over four centuries on from the first European conquests of northern Africa, a new order for the continent was, quite literally, traced out. Several European powers gathered at what became known as the Berlin Conference, with the aim of carving up the African continent, a landmass fully three times the size of Europe, into generous slices for all present. The attending statesmen agreeing on these borders did so armed with

scarce knowledge of what they were actually dividing, be it the landscape itself or the relations between the peoples at stake. The tools most employed in the construction of Africa’s current borders were, therefore, not wires, spades or pickaxes but in fact pencils, rulers and set squares. A glance at the current political map of Africa reveals very few countries not counting at least one perfectly straight line amongst its borders.

Amongst its criteria for territorial control, the Berlin Conference valued effective occupation of land most highly, at the expense of any purported historical rights. Portugal, thus far dominating only some small coastal territories, was forced to make some important concessions. In the aftermath of the conference, Portugal underwent a round of negotiations, first with France then with Germany, in an attempt to guarantee a single contiguous landmass stretching from Angola to the opposite coast. The resulting map, annexed to the treaties (in a randomly painted pink) became the graphic (coloured) representation of Portuguese colonial policy in the light of a new European order. Portuguese interests collided, however, with English plans for a contiguous landmass stretching from Cairo to Cape Town. The Portuguese retreat, in the face

of the 1890 British Ultimatum that Portugal cease all claims to land in the Zambeze basin (present day Zambia, Zimbabwe and Malawi), left the country with a profound sense of national humiliation. It was to prove the end of those “pink dreams” which ultimately never got off the page. Still in 1890, Alfredo Keil composed “A Portuguesa”, later adopted as the Portuguese national anthem, which in its original version declares “contra os bretões marchar, marchar”.²

Returning, for a moment, to that exact instant at the Berlin Conference when pencil met paper on a map of Africa, it might be said that such precise graphic elements as those outlines and colour fills (one for each country), comprised an impressive declaration of power, stemming from the imperialist aspirations and egos of the participating countries. We may consider, therefore, that the affirmation of power was at first expressed through graphic elements – lines, shapes, colours. The resulting map was thus a graphic representation of domination – not only the territorial domination of Africa by Europe, but also of one people by another. The European order resulting from the Berlin Conference remained in effect from the end of the 19th century right up to the 1960s wave of independence which swept through Africa, bypassing the Portuguese colonies of the time.

Henrique Galvão conceived the “Portugal não é um país pequeno”³ map for the Porto Colonial Exhibition of 1934⁴, of which he was general commissioner, superimposing the “Portuguese Colonial Empire” over a map of Europe. This graphic composition was anything but innocent and gratuitous. Galvão⁵ knew that his graphic intervention would contribute to the perpetuation of the myth of Portugal as an overpowering nation of great global relevance. According to this map, Portugal and its overseas territories occupied an area greater than the combined area of several of its neighbours, with borders reaching to Russia. “Portugal Não é um País Pequeno” is a clear example of how the propagandist effects of maps have been amply employed over history, with the Salazarist regime being no exception.⁶

Almost eight decades divide Henrique Galvão’s creation from Paulo Moreira’s recently created “Angola is not a small country”. Over this period, countless pages have been added to the annals of History. Angola became an independent country in 1975, having since suffered a violent civil war spanning 27 years, on the back of a war of independence lasting 13; in all, four decades of conflict with less than ten years of official peace since. In spite of this, from the end of its civil war in 2002, Angola has been experiencing a period of great economic prosperity, due not only to significant foreign investment but also to its deposits of highly-treasured

natural resources. Moreover, Luanda tops the list of the most expensive cities on the planet.⁷

At present, Angola seems to have become a new (or should we say renewed?) “El Dorado” for the Portuguese. They flock to Angola in search of investment opportunities and other such projects for which their national soil is no longer fertile. Additionally, the economic crisis currently raging through Europe, and Portugal in particular, has catalyzed this migratory flux fleeing our country for its ex-colony.

Both Henrique Galvão’s and Paulo Moreira’s maps operate at the level of perception, with Angola playing a big part in either. The first is a cartographic representation of an imperialist illusion, in which Angola was always seen as the crown jewel, which managed to survive a full fifteen years after 1960’s “Declaration on the Granting of Independence to Colonial Countries and Peoples” (United Nations General Assembly Resolution 1514).⁸ The second, a critical nod to a current socio-political situation, a provocative representation of a recent paradigm shift. Moreira has purposely opted not to superimpose over the map of Angola a map of several European countries, which would be the simple graphic inversion of the original. He has instead decided to repeat Portugal’s shape tenfold within Angola’s geographical limits (although Angola is, in fact, approximately 13.5 times greater

than Portugal). It’s not only Angola’s geographical magnitude that stands out in this piece, but essentially an entire new momentum of attraction and influence which the country is exercising over its former *Metropolis*. It is an intelligent and ironic graphic exercise, not only for its appropriation of Galvão’s original work but also for its effective representation of the *zeitgeist*.

Fortunately, nowadays, many Portuguese authors regularly (re) visit our recent History, turning out works which put forward newfound interpretations of it. Perhaps these works are now possible due to an ever-increasing chronological distance from the Salazarist regime and for the fact that there’s now an entire generation of adults born after the April revolution. Born in 1980, Paulo Moreira has produced one of these works.

¹ “Angola é Nossa” (in English, “Angola is Ours”) is the title of a Portuguese military march, extremely popular during the Colonial War or War of Independence (the Portuguese and Angolan designations, respectively, for the same conflict) which, oddly enough, labelled as “invaders” the very Angolans who were fighting for their independence. I’ve decided to give the text this title not only for its appropriation of an element arising from our collective historical memory – similar, in this aspect, to Paulo Moreira’s map – but also for being, as I see it, an ironic form of provocation.

²Translator’s Note (T.N.): In the modern version of the Portuguese national anthem we find “Contra os canhões marchar, marchar”, literally “Against the cannons, march, march!” The original version would have had “bretões”, or British, in the place of cannons.

³ National Digital Library, “Portugal não é um País Pequeno” (in English, “Portugal is Not a Small Country”), Lisbon <http://purl.pt/11440/1/index.html>

⁴ “Mappa Mundi” Organized by Guillaume Monsaingeon, Berardo Collection Museum, Lisbon, 2011

⁵ Curiously, Galvão would later rise up against Salazar’s regime, leading “Operation Dulcinea” in 1961. Disappointed with the regime from the 50s onward, this dissident seized and diverted the cruise liner Santa Maria, with over 600 passengers on board. Having originally planned to steer toward Luanda from where he would supposedly coordinate the government’s downfall, he ended up setting a course for Recife, in Brazil, where his request for Political Asylum was deferred after the operation had failed.

⁶ Cairo, H. (2006). “Portugal is Not a Small Country”: Maps and Propaganda in the Salazar Regime.

⁷ Jornal Económico, “Luanda é a Cidade Mais Cara do Mundo” http://economico.sapo.pt/noticias/luanda-e-a-cidade-mais-cara-do-mundo_122447.html

⁸ United Nations, “The Declaration on the Granting of Independence to Colonial Countries and Peoples” <http://untreaty.un.org/cod/avl/ha/dicc/dicc.html>

BIOGRAFIAS

Stefanie Alisch é musicóloga e dj baseada em Berlim. Dentro e fora da Universidade, ensina teoria da música popular, produção de rádio e djing. Como junior fellow da Bayreuth International Graduate School of African Studies, investiga a música eletrónica angolana kuduro.

Luca Bonifacio é arquiteto freelancer e investigador sobre temáticas relacionadas com desenvolvimento e habitat humano. É co-fundador da plataforma hopeandspace (www.hopeandspace.org). Na última década, tem trabalhado em diversos países, desenvolvendo experiências de campo em desenvolvimento urbano e rural, resposta humanitária pós-conflito e pós-desastre, e advocacia sobre políticas para infra-estruturas educacionais. Atualmente, vive, trabalha e ensina em Luanda, Angola.

Allan Cain é arquiteto e especialista em gestão de projetos, microfinança, desenvolvimento urbano, habitação de baixo custo e melhoria de assentamentos informais. Nos anos recentes, participou na avaliação de programas e missões das Nações Unidas, União Europeia e Banco Mundial. É diretor da Development Workshop (Angola) e membro do conselho de administração de diversas instituições para o desenvolvimento. É co-fundador e presidente do KixiCrédito, a primeira instituição angolana de microfinança não-bancária e foi pioneiro da implementação de numerosas iniciativas sociais bem sucedidas.

Ricardo Cardoso. Reading, Reino Unido (1980). Mestre em planeamento e desenvolvimento urbano pela University College London, é actualmente doutorando em planeamento regional e urbano na University of California, Berkeley. O seu projecto doutoral foca-se em questões relacionadas com a produção do espaço e o desenvolvimento urbano em Luanda.

Nuno Coelho é Designer de Comunicação. Vive e trabalha no Porto. Docente nos cursos de Licenciatura e Mestrado em Design e Multimédia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Doutorando em Arte Contemporânea no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. O seu trabalho poder ser visto em www.nunocoelho.net

Luís Octávio Costa é jornalista do Público desde 1997. Em 2011 integrou a equipa que fundou o site P3, onde é sub-editor.

Claudia Gastrow é Doutoranda no Departamento de Antropologia, University of Chicago. A sua dissertação estuda a relação entre desenvolvimento urbano, habitação e cidadania em Luanda, Angola. Mais especificamente, está focada no modo como as mudanças no acesso à habitação decorrentes da recente explosão imobiliária em Luanda, pós-conflito armado, tiveram impacto no modo de relacionamento dos residentes com o Estado angolano, ao longo da última década.

Ana Paula Gomes trabalha em rádio e televisão desde 1984 e é jornalista desde 1993. Na RDP África realiza e apresenta, entre outros, o programa Científica Mente.

Isabel Maria Nunes da Silva Martins. Angolana, licenciada em arquitectura pela Universidade Agostinho Neto, doutorada na especialidade de História de Arquitectura pela Universidade do Porto. É Chefe do Departamento de Arquitectura da Universidade Agostinho Neto, Luanda (Angola). A sua área científica desenvolve-se no âmbito da Arquitectura e das Cidades. Fez comunicações e tem trabalhos publicados nacional e internacionalmente.

Ângela Cristina Branco Lima Mingas. Angolana. Escritora e Professora. Arquitecta. Fundadora em 2003 da Escola de Arquitectura e do Núcleo de Estudos de Artes, Arquitectura, Urbanismo e Design da Universidade Lusíada de Angola. Curadora do Fórum de Arquitectura em Angola desde 2006. Consultora e Especialista em Património Arquitectónico. Paixão: Música.

Paulo Moreira. Porto, Portugal (1980). É arquiteto (FAUP 2005) e investigador na London Metropolitan University, com bolsa da FCT (desde 2010). Foi premiado com o Noel Hill Travel Award (American Institute of Architects – UK Chapter) e o Prize for Social Entrepreneurship (FASD), ambos em 2009.

BIOGRAPHIES

Stefanie Alisch is a Berlin based musicologist and dj. Inside and outside universities she teaches popular music theory, radio making and djing. As a junior fellow of the Bayreuth International Graduate School of African Studies she researches the Angolan electronic music kuduro.

Luca Bonifacio is a freelance architect and researcher on development and built habitat related issues. He is the co-founder of hopeandspace platform (www.hopeandspace.org). In the last decade, he have been working in several countries, developing field experiences in urban and rural development, post-conflict and post-disaster humanitarian response, and advocacy on educational infrastructure policies. At the present moment, he lives, works and lectures in Luanda, Angola.

Allan Cain is an architect and specialist in project planning, microfinance, urban development, low cost housing and the upgrading of informal settlements. In recent years he has participated in several programme evaluations and missions for the United Nations, European Union and the World Bank. He is the director of Development Workshop (Angola) and a member of the boards of several development institutions. He is co-founder and president of the board of directors of KixiCrédito, Angola's first non-bank microfinance institution and has pioneered the development of several successful social enterprises.

Ricardo Cardoso. Reading, United Kingdom (1980). MSc in Urban Development Planning at the University College London, he is now a PhD candidate in Urban and Regional Planning at the University of California, Berkeley. His doctoral project focuses on the production of space and urban development in Luanda.

Nuno Coelho is a communication designer. Lives and works in Porto. Teaches graduate and Master levels at the Design and Multimedia course, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra. PhD candidate in Contemporary Arts at Colégio das Artes, Universidade de Coimbra. His work can be seen at www.nunocoelho.net

Luís Octávio Costa is a journalist at Público since 1997. In 2011 joined the team that founded the site P3, where he acts as a sub-editor.

Claudia Gastrow is a PhD candidate in the department of Anthropology, at the University of Chicago. Her dissertation studies the relationship between urban development, housing, and citizenship in Luanda, Angola. More specifically, it focuses on how changes in access to housing brought about by Luanda's recent post-conflict building boom have impacted residents' understandings of their relationship to the Angolan state during the past decade.

Ana Paula Gomes has worked in radio and television since 1984 and has been a journalist since 1993. At RDP Africa, she directs and hosts the Científica Mente show amongst several others.

Isabel Maria Nunes da Silva Martins. Angolan, graduated in architecture at Universidade Agostinho Neto, PhD in the field of History of Architecture at Universidade do Porto. She is the Head of the Architecture Department at Universidade Agostinho Neto, Luanda (Angola). Her scientific field of study focuses on Architecture and Cities. She has presented and published her work nationally and internationally.

Ângela Cristina Branco Lima Mingas. Angolan. Writer and Teacher. Architect. Founder in 2003 of the School of Architecture and the Nucleus for Studies on Arts, Architecture, Urbanism and Design, Universidade Lusíada de Angola. Curator of the Angola Architecture Forum since 2006. Consultant and Expert on Architectural Heritage. Passion: Music.

Paulo Moreira. Porto, Portugal (1980). Architect (FAUP 2005) and researcher at London Metropolitan University, with FCT scholarship (since 2010). Recipient of the Noel Hill Travel Award (American Institute of Architects – UK Chapter) and the Prize for Social Entrepreneurship (FASD), both in 2009.

Workshop de Arquitetura Social **Workshop for Social Architecture**

Chicala, Luanda, 8-16/08/2011

Lista de participantes **Participant's list**

UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO

Miriam Pezo Domingos
Lopo Bernardo Eduardo Bondo
Wilson Agnelo Chinhama Augusto
N'vungani António Afonso
Mafundamene Mateus António
João Gil Brás Sambo
Gil Gunza Mulenza
Rodolfo Baía Vera Cruz da Trindade
Diana Lopes Teixeira
Hermógenes Pascoal Gervásio Tenete
Arnaldo Gaspar Miguel da Conceição
Elias Francisco Miguel
Manuel Bambi Fernandes
Sílvio Adilson da Conceição Jeremias
Miguel Pedro Vita Tito
João Gonçalves Francisco da Costa
Passi Manuel Bunga Videira
Jorge Francisco Pedro
Cláudio Golambole Santana
Manuel Damião Neto
Augusto Ernesto Caculo
Roberto dos Anjos Mande Vênge
Tatiana Branca Catito Adanta
António Capeio Celestino Quintas
Benjamin Zaldivar Francisco de Carvalho
Domingos Manuel Dala Fernandes
Belmiro Moraes
Claudio Alcídio Mugginga Domingos
Adalberto Domingos
Patrick Kinika da Silva Mulaza
Guitton Dias do Amaral Managem
Samuel Kussumua Sucare
Gervácio Wanguamba Bernardo
Edmundo Manuel Vunge Domingos
Jelinett Sani Mendonça Santiago
Ariel Stélvio Francisco de Carvalho
Érica Áurea Ferreira Morgado
Anália Gonçalves da Silva
Samba Ricardo Massala

Acúrcio da Silva Caifalo Paixão
Eduardo Henda Vieira
Daniel Machado de Freitas
César Bonifácio Domingos Tito
N'doma José Mambo
Cristovão Agostinho Domingos
Pedro Nembamba Castelo
Daniel Malengue Caculo Fortunato

UNIVERSIDADE LUSÍADA DE ANGOLA

Heidy Marlene Maciel Borba
Karina Swart da Costa Ferreira
Teresa João Muliongo
Stivene da Rocha Fonseca
Anderson Aguinaldo Lima Lopes
Gonçalo Pinto Afonso
Leal dos Santos
Rui Magalhães
William Fernandes
Henrique Silas
Henry José Tomatala
Danilson Lobato
Mendes Leandro Dongoche
Elias B. Cassoma
Iracelma Paula Justino Manuel
Erivanda T. dos Santos Costa
Tânia Lusíada
Josemar Povi Camilo David
Venceslau Victor Teca
Paulo André N. Cambo
Leonel Eurico João Zua
Stélvio Alexandre da Silva Cabral
Anderson Brandão Ribeiro
Alberto Fernandes da Eva
Maria Antónia João Figueiredo

EXPOSIÇÕES EXHIBITIONS

"Workshop de Arquitectura Social"
Departamento de Arquitectura,
UAN, Luanda 16/8/2011

"Angola não é um país pequeno"
Uma Certa Falta de Coerência, Porto
2/12/2011 - 7/12/2012

"Angola is not a small Kingdom"
The Gopher Hole, London 5/4/2012

AGRADECIMENTOS AKNOWLEDGEMENTS

A todos os conselheiros,
colaboradores e contribuidores:
OBRIGADO!

To all the project's advisors,
collaborators and contributors:
THANKYOU!

Stefanie Alisch
Tânia Baptista
Matthew Barac
Luca Bonifacio
Marta Buenaventura
Samuel Buton
Allan Cain
Ricardo Cardoso
Peter Carl
Tiago Castela
Mauro Cerqueira
Malie Colbert
Nuno Coelho
Alice Correia
Luís Octávio Costa
Pedro Campos Costa
Wagner Dias
Teresa Esteves
Maria João Faria
Carla Ferreira
Lara Ferreira
Pedro Ferreira
Carla Filipe
Beatrice Galilee
Claudia Gastrow
Ana Paula Gomes
Luís Guimarães
Janet Gunter
Kota 50 + Família Damião
Fátima Lambert
Frederico Leite
Pedro Lino
Edilson Lusiada
Frederico Magalhães
Isabel Martins
Samba Massala
Paulo Mendes
Alice Mesquita
Jaime Mesquita
Ângela Mingas
Maurice Mitchell
Diogo Zenha Morais
Inês Moreira
Sara Moreira
Alberto Morgado
Érica Morgado
Mónica Oliveira
Mariana Pestana
João Pires
Margarida Quintã
Pedro Ramalho
Isabel Raposo
Anália Gonçalves da Silva
Manuela Silva
Nuno Silva
Bruno Silvestre
André Sousa
Paulo Castro Sousa
Sílvia Leiria Viegas
Andrea González de Vega
Daniel Voges
Ines Weizman

A todos os grupos e instituições
que participaram no projeto:
OBRIGADO !

To all the groups and institutions
who participated in the project:
THANKYOU !

ACLOC
Angop
Arte Institute
Buala
CES
CM Chicala 1-2
DW – Angola
ESE - Porto
Família Mãe Ju
FCT
Galeria Nuno Centeno
Hope & Space
Jornal de Angola
Jornal Novo Mundo
Jornal Público - P3
Jornal Sol
London Met - PhD group
Padre José Maia
PPL - crowdfunding
Rádio Escola
RDP-África
Revista Punkto
The Gopher Hole
UAN
ULA
Voxels
ZTV

1ª edição: dezembro 2011
2ª edição: abril 2012
e-book: novembro 2013

Agradeço também a todos os
contribuidores da 1ª edição
(via crowdfunding)
I also thank all the
contributors of the 1st edition
(via crowdfunding)

E um agradecimento especial
aos mecenas desta edição
And a very special thanks to
this edition's sponsors

MCV
Iperforma
Soapro





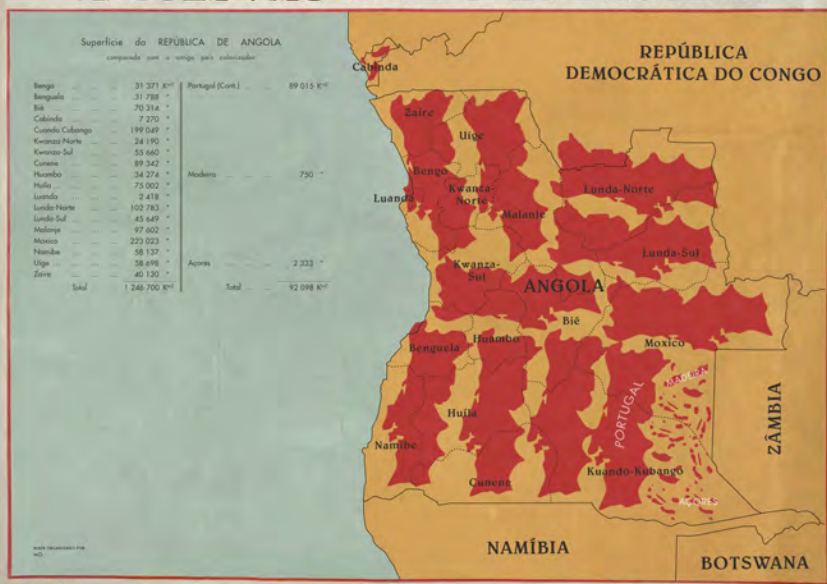




“PORTUGAL NÃO É UM PAÍS PEQUENO”



“ANGOLA NÃO É UM PAÍS PEQUENO”



FICHA TÉCNICA CREDITS

Título Title

"A Chicala não é um bairro pequeno"
"Chicala is not a small neighbourhood"

Editor Editor

Paulo Moreira

Design Gráfico Graphic Design

Carla Ferreira, Pedro Ferreira

Capa Cover artwork

mOnica, Paulo Moreira

Texto Text

Todos os textos são da responsabilidade dos seus autores
All texts are their authors' responsibility

Imagens Images

2-7: Luís Damião, Paulo Moreira
16-17, 76-77: Paulo Moreira
52-53: Paulino Damião "Kota 50"
68-69: Universidade Agostinho Neto, Universidade Lusíada, Paulo Moreira
99-103: Uma Certa Falta de Coerência / A Certain Lack of Coherence
104 (top): Henrique Galvão, Secretariado da Propaganda Nacional
104 (bottom): Paulo Moreira, mOnica

Tradução Translation

Frederico Magalhães
www.conversar-em-ingles.webs.com

Impressão e acabamento Printing and binding

JR Gráfica
+351 225 372 495

Tiragem/1ª Edição Print run/First edition

100 (Porto, jan. 2012)

Tiragem/2ª Edição Print run/Second edition

250 (Porto, mar. 2012)

Depósito legal Legal Deposit

338303/11

ISBN

978-989-20-2800-2

Edição de autor Author's edition

© Paulo Moreira, mar. 2012
© textos: os autores texts: their authors

www.paulomoreira.net

"A Chicala não é um bairro pequeno" apresenta uma perspetiva da capital de Angola muitas vezes ignorada pelos relatos sobre a atual trajetória neo-liberal do país. Graças a uma extensiva compilação de contribuições de especialistas, profissionais e investigadores emergentes e consagrados, de diversas áreas, este livro mergulha num contexto urbano particular, de baixo para cima, mostrando Luanda como uma cidade bem mais complexa do que simplesmente uma topografia capitalista e consumista rodeada por metabolismos de sobrevivência desesperados.

"Chicala is not a small neighbourhood" presents a perspective of Angola's capital often ignored in accounts of the country's current Neo-liberal trajectory. Thanks to a comprehensive compilation of contributions by emerging and established experts, practitioners and researchers from different fields, this book delves into a particular urban context, from the bottom-up, showing Luanda as far more complex a city than a straightforward capitalist topography of consumption surrounded by desperate metabolisms of survival.

Apoio institucional
Institutional support

Mecenas
Sponsors

